

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

JULY ANA MENDES

**“MATERNIDADES EM FOCO”:  
EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS SOBRE SER MÃE**

Curitiba

2024

JULLY ANA MENDES

**“MATERNIDADES EM FOCO”:  
EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS SOBRE SER MÃE**

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, no Curso de Jornalismo do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Myrian Del Vecchio

Curitiba - PR

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
Rua Bom Jesus, 650, - - Bairro Juvevê, Curitiba/PR, CEP 80035-010  
Telefone: 3360-5000 - <http://www.ufpr.br/>

### ATA DE REUNIÃO

#### ATA DA BANCA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 19/12/2024, às 16:30 horas, os membros da banca de avaliação reuniram-se no Departamento de Comunicação Social da UFPR, com a finalidade de avaliar a aluna **JULY ANA PEREIRA MENDES** que apresentou o trabalho de conclusão de curso em jornalismo intitulado: **Maternidades em foco: experiências e perspectivas sobre ser mãe**. Após informar as normas do exame de avaliação, a orientadora passou a palavra para que a aluna realizasse a apresentação. Finalizada a exposição, a aluna foi arguida pelos membros da banca que atribuíram as seguintes notas:

Professora	Nota	Assinatura
CRISELLI MARIA MONTIPÓ	97	
JOSÉ CARLOS FERNANDES	97	
MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA	97	

Sendo assim, a média aritmética atribuída à aluna na defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, foi \_\_\_\_\_, nota que será lançada no SIGA pela Professora Orientadora somente após realizadas as considerações sugeridas pela banca. A aluna foi considerada aprovada na disciplina e deverá entregar o trabalho com alterações sugeridas pela banca em até 10 dias.



MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA  
Professora Orientadora

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos iniciais, como não poderia deixar de ser, são para a minha família, que é meu alicerce e me acompanhou, dando apoio desde a jornada que antecedeu a tão sonhada entrada na Universidade Federal do Paraná (UFPR) até o término da jornada de graduação em Jornalismo. Aos amigos que o curso me proporcionou, que são parte essencial de quem sou e tornaram esse trajeto ainda mais especial, com destaque para Isis Bahl, Pedro Peplow, Vitor Barbosa, Mariana Camargo e Marina do Amaral. Ao Emerson Araujo, minha dupla em todos os trabalhos universitários. Ao Luis Felipe Conceição, meu namorado, companheiro de vida e maior ouvinte nessa reta final.

Um agradecimento intenso também às minhas ex-colegas de trabalho, Nicole Wendt, Talita Lopes e Quézia Camacho que se tornaram ombros amigos e sempre se dispuseram a flexibilizar minha jornada para que eu pudesse cumprir meus deveres acadêmicos.

À professora e orientadora Myrian Regina Del Vecchio de Lima, por não ter desistido de mim e por estar ao meu lado durante os percalços encontrados – e foram muitos. Às mulheres que permitiram que suas experiências fossem contadas por mim neste trabalho. E, por fim, à UFPR: sempre foi um sonho estudar aqui, e vejo que o que ela me proporcionou vai muito além do que se pode colocar no Currículo Lattes.

*Viva a universidade pública, gratuita e de qualidade!*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>SOBRE MATERNIDADE</b>	<b>11</b>
1.1 CONCEITO E CONSTRUÇÃO CULTURAL	11
1.2 COMO A MATERNIDADE MOLDA A IDENTIDADE FEMININA	13
1.3 AS TENSÕES CONTEMPORÂNEAS	16
1.4 POLÍTICAS DE APOIO À MATERNIDADE	17
<b>2. JORNALISMO E WEB REPORTAGEM</b>	<b>19</b>
2.1 A EVOLUÇÃO DO JORNALISMO NA ERA DIGITAL	19
2.2 NARRATIVAS LONGFORM ONLINE: RENOVAÇÃO JORNALÍSTICA	20
<b>3 METODOLOGIA JORNALÍSTICA</b>	<b>23</b>
3.1 PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO DA WEB REPORTAGEM	23
3.2 LEVANTAMENTO DE FONTES JORNALÍSTICAS	27
3.3 MATERIAIS QUE INSPIRAM	27
<b>EXPERIÊNCIA</b>	<b>30</b>
<b>CONCLUSÕES</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## RESUMO

Este trabalho apresenta algumas das múltiplas dimensões da maternidade por meio de uma web reportagem intitulada "Maternidades em foco: experiências e perspectivas sobre ser mãe". O estudo busca desconstruir o conceito tradicional de maternidade, mostrando como fatores culturais, sociais e econômicos moldam essas vivências em diferentes contextos. Assim, por meio de histórias em linguagem jornalística, são apresentadas algumas experiências maternas diferentes: mães solo, mães que tiveram filhos na adolescência, mãe empresária, a mãe adotiva, além daquela mulher que escolheu não ter filhos, ou seja, não passar por essa experiência de vida. A pesquisa destaca a influência das estruturas socioculturais nas experiências maternas e aborda as políticas de suporte disponíveis. O objetivo da webreportagem é o de mostrar um breve painel de experiências maternas que, por meio de uma personagem ou duas, represente um grupo de mães em situações similares. Metodologicamente, baseia-se nos princípios jornalísticos de atitude (definir e cumprir uma pauta), método (seleção de personagens e entrevistas) e narrativa (redação e edição). A proposta buscou acrescentar um ponto a mais no debate acadêmico sobre a maternidade e suas histórias diversas e promover maior compreensão e empatia pelas experiências maternas.

**Palavras-chave:** maternidade, web reportagem, diversidade, aspectos socioculturais, políticas públicas.

## INTRODUÇÃO

Esse documento teórico-metodológico foi elaborado para apresentar a estruturação do chamado Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, abrangendo a sistematização do texto, com seus pontos tradicionais obrigatórios, conforme regimento aprovado pelo colegiado do curso: apresentação do tema jornalístico, problematização, premissa que guia a pauta jornalística, objetivos geral e específicos, justificativas, bases teóricas e contextuais e método jornalístico.

A maternidade, tema desse trabalho é um processo de geração de um outro ser humano, que em quase cem por cento dos casos é vivenciado por uma mulher, a partir de uma fecundação biológica alcançada pela relação sexual com um homem, ou por meios artificiais/tecnológicos, como por exemplo a fertilização *in vitro* e a implantação de óvulos no útero; mas também significa o processo de intensa relação entre mães e filhos biológicos e não biológicos. Do ponto de vista emocional a maternidade se refere ao vínculo profundo e complexo que se estabelece entre a mãe e seu filho, caracterizado por sentimentos de afeto, responsabilidade e conexão afetiva. Não se trata apenas do ato biológico de gerar e parir, mas envolve uma experiência subjetiva e transformadora, com implicações psicológicas que afetam tanto a mãe quanto a criança ao longo da vida. Ou seja, é um fenômeno multifacetado que desempenha um papel central na vida de muitas mulheres.

Historicamente, a figura da mãe foi romantizada e envolta em estereótipos que não refletem a complexidade e a diversidade das experiências maternas. Em resenha sobre o livro da bióloga Sarah Blaffer Hrdy, a psicóloga Vera Raad Bussab (2002, p.1) aponta que “muitos são os dilemas das mulheres contemporâneas, entre eles, a ambivalência maternal, necessidades infantis e sexualidade feminina.”. Ela lembra que Hrdy (2001) enumera que aspectos como o controle de natalidade, as precauções contra doenças sexualmente transmissíveis, a educação sexual e as oportunidades profissionais para as mulheres vieram para ficar e que essas conquistas precisam “ser protegidas das velhas tensões, que podem reaparecer a qualquer momento” (Bussab, 2002, p1), pois segundo Hrdy (2001), as tensões que envolvem a maternidade contemporânea estão enraizadas na natureza humana e feminina.

A web reportagem intitulada “Maternidades em Foco: experiências e perspectivas sobre ser mãe” visa apresentar recortes sobre as múltiplas dimensões do fenômeno,

buscando compreender como diferentes mulheres vivenciam a maternidade em contextos variados.

Como problematização a pauta jornalística que direciona a web reportagem, questiona: *Como é a experiência de mulheres que, além da responsabilidade de criar um filho, enfrentam uma sociedade que acredita saber exatamente como deve ser esse papel?* A produção jornalística aborda sete realidades individualizadas enfrentadas por mães solo, mulheres que passaram por várias tentativas para engravidar, mãe adotiva, mãe empresária, mãe trabalhadora, mãe adolescente e mulheres que optam por não ter filhos, oferecendo uma visão diversa sobre as formas de exercer o ato de ser mãe.

Além das questões práticas e emocionais envolvidas na maternidade, a reportagem aborda a influência do ambiente sociocultural e a necessidade de políticas públicas várias que incidam ou deveriam incidir sobre a experiência materna. O papel do Estado, das políticas públicas e das redes de apoio são cruciais para entender como essas mulheres gerenciam suas responsabilidades e desafios. As políticas de licença-maternidade, a disponibilidade de creches e o apoio financeiro são aspectos que podem gerar efeitos positivos ou negativos, diretamente sobre a qualidade de vida e a capacidade de conciliação entre trabalho e maternidade.

A diversidade de experiências é refletida nas sete histórias individuais apresentadas na reportagem. Para mães solo, a jornada pode envolver uma luta constante para equilibrar trabalho, finanças e cuidados com os filhos, muitas vezes sem o suporte de um parceiro. Mães adotivas, por outro lado, enfrentam a complexidade de construir uma nova dinâmica familiar, muitas vezes lidando com questões relacionadas à identidade e ao vínculo afetivo. Já as mães empresárias precisam encontrar maneiras de integrar suas responsabilidades profissionais com a criação dos filhos, desafiando as normas tradicionais corporativas e buscando novos modelos de sucesso. E assim por diante, oferecendo novas facetas da maternidade em cada uma das sete experiências.

Outro aspecto relevante a ser explorado é a percepção social da maternidade em diferentes culturas e classes sociais. A forma como a maternidade é vivida pode variar significativamente dependendo do contexto cultural e socioeconômico. A reportagem busca ilustrar como esses fatores influenciam as expectativas e experiências maternas.

Além disso, a escolha de não ter filhos, que muitas vezes é cercada de estigmas e preconceitos, é examinada para entender como uma das narrativas mostra o vivenciamento das expectativas que questionam sua decisão.

Em suma, a webreportagem apresenta um breve painel de casos que, nas entrelinhas, revela as razões por trás das escolhas e vivenciamentos maternos e os impactos que têm em suas vidas pessoais e profissionais, desafiando a visão tradicional de que a maternidade é uma obrigação universal para todas as mulheres e que deve seguir determinados padrões e expectativas socioculturais.

Ao reunir essas sete perspectivas, há a ciência de que muitas outras poderiam aqui ser acrescentadas. Mas, apesar do número limitado, a webreportagem pretende oferecer uma visão simples, mas inclusiva e realista da maternidade, esperando promover uma compreensão sobre as múltiplas formas de exercer esse papel. O intuito é que o produto – que pode ser inserido em redes sociais digitais e outros espaços digitais – contribua para uma maior empatia e reconhecimento das diversas experiências maternas na sociedade contemporânea. Ao destacar as histórias dessas mulheres, espera-se abrir espaço para uma discussão mais ampla sobre o que significa ser mãe na atualidade.

*Justifico a escolha do tema da maternidade para este TCC em Jornalismo por diversos motivos significativos. Meu primeiro contato com essa temática ocorreu por meio do episódio do programa "Profissão Repórter", apresentado por Caco Barcellos, intitulado "Mães do Cárcere". Esse programa despertou em mim um profundo interesse em explorar a maternidade também fora do contexto do sistema prisional, ampliando a discussão para outras formas e contextos da experiência materna no cotidiano.*

*Acredito que a abordagem das diversas facetas da maternidade tem grande importância social. Como mulher e irmã mais velha que acompanhou a gravidez de três irmãos, sinto uma conexão pessoal e uma sensibilização especial para essas questões, o que reforça minha motivação para aprofundar a análise sobre o tema.*

*Espero que este trabalho contribua para maior conscientização sobre as diversas formas de exercer a maternidade, estimulando discussões que possam levar ao desenvolvimento de políticas públicas, e mesmo de redes de apoio pessoais e familiares, mais inclusivas e eficazes.*

Para dar conta dessa proposta jornalística, este documento teórico-metodológico, traça o seguinte *objetivo geral*:

- Desconstruir o conceito tradicional de maternidade e explorar como fatores culturais, sociais e econômicos moldam as vivências maternas em diversos contextos. A reportagem buscará responder como mulheres em diferentes situações lidam com as expectativas impostas pela sociedade e quais desafios e triunfos elas encontram em sua jornada.

Já os *objetivos específicos*, que aqui funcionam como pontos de uma pauta jornalística, se concentram em:

1) Traçar um panorama geral sobre as condições e experiências de maternidade em diversos contextos e como esses contextos influenciam a vivência materna. A reportagem buscará iluminar como fatores como a cultura, o ambiente e a estrutura socioeconômica moldam essas experiências.

2) Construir narrativas que revelam o cotidiano de mulheres grávidas e recém-mães em diferentes situações, destacando como essas mulheres enfrentam e gerenciam suas realidades sob a pressão de expectativas sociais e econômicas. Além disso, serão expostas situações que demonstram como a maternidade é influenciada por condições adversas e como esses desafios refletem questões mais amplas de desigualdade e violência de gênero.

3) Apresentar e criticar a estrutura pública e governamental existente para o suporte às mães em contextos variados, analisando como as instituições e políticas públicas podem ou não atender às necessidades das mulheres

Esse trabalho apresenta a metodologia jornalística de forma sistematizada levando em conta as recomendações de Maciel (2018), tendo como base as afirmações de Gandour (2020), de que a produção jornalística se baseia em três pilares – *atitude* (a vontade de investigar do repórter e a tradução disso em uma pauta jornalística a ser investigada); o *método* em si (as técnicas do jornalismo a serem seguidas para resultar em um produto competente na área – levantamento de fontes, busca de dados, coleta de informações via entrevistas; e *narrativa* (a composição do texto jornalístico em si e sua edição, respeitando regras, mas imprimindo estilo próprio).

Finalmente, apresenta-se a estrutura de organização textual deste trabalho, além dessa Introdução:

Capítulo 1 – *Sobre a maternidade*, que dispõe sobre o conceito e a construção cultural que sobre ele incide em diferentes épocas e culturas e aborda como a maternidade molda a identidade feminina. Também aí se discorre sobre as políticas públicas de apoio à maternidade.

Capítulo 2 – *Jornalismo e web reportagem*, que explora como o jornalismo tem evoluído na era digital, destacando as narrativas longform online como uma renovação significativa que combina profundidade investigativa com recursos interativos e multimídia,

Capítulo 3 – *Metodologia jornalística e apresentação do produto*, que aborda a forma como a reportagem foi produzida, incluindo a realização de entrevistas com personagens que se encaixam no formato abordado, o planejamento do produto jornalístico e o levantamento das fontes.

Ao final, a seção de Conclusão enfatiza como a web reportagem proporciona uma reflexão inclusiva e multifacetada sobre maternidade, desconstruindo estereótipos e destacando fatores sociais, culturais e econômicos que moldam essas experiências diversas.

## **SOBRE MATERNIDADE**

### **1.1 CONCEITO E CONSTRUÇÃO CULTURAL**

De acordo com o dicionário, a maternidade é definida como "estado ou qualidade de mãe" e, no campo jurídico, como a "relação de parentesco que liga a mãe a seu(s) filho(s)" (Michaelis, 2024). No entanto, essa definição simplista não abarca a complexidade envolvida na construção social e cultural da maternidade. A ideia de maternidade transcende a mera biologia e se insere em contextos históricos, sociais e culturais que moldam as expectativas e os papéis associados à figura materna.

Historicamente, a maternidade foi vista como uma condição natural e inevitável para as mulheres, um instinto que todas supostamente possuíam. A feminista francesa Badinter (1980) questiona essa visão essencialista, argumentando que o instinto materno, muitas vezes considerado inato, é na verdade uma construção social. Ela observa que a indiferença materna, na sociedade ocidental, em especial no continente europeu, era uma realidade até o final do século XVIII – o que pode não se aplicar em outros recortes geográficos/étnicos; Badinter (1980) acentua ainda a construção tradicional em torno da intensa idealização do amor materno que só se consolidou posteriormente, fruto de mudanças culturais e sociais que transformaram a percepção da maternidade. Nesse sentido, a autora sugere que o amor materno não é um instinto universal, mas uma prática culturalmente construída e variada ao longo do tempo e entre diferentes sociedades.

A transformação do conceito de maternidade foi particularmente notável a partir dos anos 1970. Antes desse período, a maternidade era vista como um destino inevitável e desejável para todas as mulheres. A reprodução era percebida como um dever e uma manifestação do instinto materno. No entanto, com a disseminação do controle de natalidade, em especial por meio da pílula anticoncepcional, que chegou nos Estados Unidos em agosto de 1960, as mulheres passaram a ter a opção de escolher se queriam ou não ter filhos. Essa nova liberdade, que implicou em mais liberdade sexual e social, evidenciou a ambivalência materna e mostrou que o desejo de ter filhos não era universal, mas dependia de circunstâncias pessoais. Culturais e econômicas (Badinter, 2011).

A partir dos anos 1980, uma "revolução silenciosa" começou a recolocar a maternidade no centro do destino feminino, refletindo uma crise econômica e identitária que impactou as ambições femininas de igualdade e liberdade. Durante esse período, observou-se um aumento nas responsabilidades maternas, ao mesmo tempo em que se consolidava uma ideologia naturalista que exaltava a maternidade como uma vocação quase sagrada para as

mulheres (Badinter, 2011). Essa ideologia, contudo, recebeu críticas severas, pois pode reforçar papéis de gênero tradicionais e limitar as possibilidades de realização pessoal para as mulheres.

A maternidade, então, emerge como um campo de tensões entre a realização pessoal e os deveres maternos. Muitas mulheres enfrentam o dilema de conciliar as exigências da maternidade com suas aspirações profissionais e pessoais. A sociedade, muitas vezes, pressiona as mulheres a se conformar a um ideal de maternidade dedicado e altruísta, o que pode gerar sentimentos de culpa e frustração entre as mulheres que não se identificam com esse modelo amplamente idealizado e que permeia diferentes culturas (Badinter, 2011), além de amplamente disseminado pelos meios de comunicação. A decisão de ter ou não ter filhos torna-se, assim, uma escolha complexa, envolta em questões de identidade, valores pessoais e pressões sociais.

“Maternar” é um conceito que vai além do simples ato de gerar e criar filhos. A compreensão da maternidade como uma construção social permite reconhecer a diversidade de experiências maternas e questionar os estereótipos e expectativas impostos às mulheres. Isso abre espaço para uma discussão mais ampla sobre as liberdades individuais, os direitos das mulheres e as múltiplas formas de exercer a maternidade na contemporaneidade.

Não é possível desvincular a construção social da maternidade de fatores como classe social, raça e cultura. Por exemplo, em muitas sociedades, a maternidade é idealizada e associada a um papel de sacrifício e dedicação total, máximas antigas e conservadoras como “ser mãe é padecer no paraíso” são corriqueiras. No entanto, essa idealização se mostra problemática, pois ignora as realidades enfrentadas por mulheres que não têm acesso a recursos adequados, como apoio social e econômico, ou mesmo padrões psicológicos e emocionais, para exercer a maternidade de forma plena. Estudos indicam que a percepção da maternidade varia significativamente entre diferentes culturas, refletindo valores e normas sociais que moldam as experiências maternas (Moura; Araújo, 2004).

Em tempos contemporâneos, a maternidade é um tema amplo e complexo, que envolve, como já dito, questões sociais, culturais, econômicas e políticas. Autores como Elisabeth Badinter (1985), Laura Gutman (2016) e Angela Davis (2023) oferecem perspectivas relevantes para entender os desafios e transformações que marcam a experiência da maternidade nos tempos atuais.

Elisabeth Badinter (1985), em “O Mito do Amor Materno”, questiona a ideia de que o “instinto maternal” é universal e natural. Segundo ela, como já vimos, anteriormente, o

amor maternal é, em grande parte, uma construção histórica e social. A autora argumenta que, nas sociedades contemporâneas, as mulheres enfrentam uma pressão para idealizar a maternidade, enquanto também lidam com as exigências de independência e realização profissional em seu dia a dia. Essa visão é complementada por outras compreensões que analisam como as expectativas em torno da maternidade variam de acordo com o contexto cultural e as classes sociais, demonstrando que a experiência da maternidade não é homogênea.

Por sua vez, Laura Gutman, autora de “A Maternidade e o Encontro com a Própria Sombra”, aponta como a maternidade pode ser um processo transformador para as mulheres, mas também traz à tona aspectos sombrios da psique. Gutman argumenta que as mulheres são frequentemente confrontadas com suas próprias vulnerabilidades e traumas durante a criação dos filhos. Para ela, a maternidade contemporânea exige um olhar introspectivo que permita a integração dessas experiências.

Em um enfoque interseccional, Angela Davis (2023), em “Mulheres, Raça e Classe”, faz uma crítica sobre como as experiências de maternidade são atravessadas por desigualdades estruturais. Davis, que foi uma ativista feroz em sua juventude sobre os direitos raciais nos Estados Unidos, em sua maturidade intelectual ressalta que, para mulheres negras e de classes trabalhadoras, a maternidade frequentemente ocorre em condições de precariedade e opressão, permeadas pelo racismo e pelo capitalismo. Ela aponta que, enquanto algumas mulheres têm a escolha de “adiar” a maternidade em prol de suas carreiras, outras enfrentam políticas reprodutivas coercitivas ou a falta de apoio social para criar seus filhos – em especial mulheres negras e pobres.

Além disso, a maternidade é frequentemente associada a um ideal de amor incondicional e dedicação total, o que pode levar à desvalorização das experiências maternas que não se encaixam nesse molde. A diversidade das experiências maternas deve ser reconhecida e valorizada, permitindo que as mulheres expressem suas identidades de maneiras que sejam autênticas para elas.

## 1.2 COMO A MATERNIDADE MOLDA A IDENTIDADE FEMININA

A maternidade, ao longo da história, desempenhou um papel crucial na definição e construção da identidade feminina. Este tópico explora como a maternidade moldou essa

identidade, traçando a evolução histórica e cultural de conceitos ligados à figura materna e seu impacto na percepção da mulher na sociedade.

A concepção moderna de maternidade, caracterizada pelo amor e dedicação materna, não é um fenômeno histórico constante. Segundo Ariès (1978), a partir do século XVII, começou-se a conceder uma nova atenção às crianças, o que foi um prelúdio para a reconfiguração dos papéis maternos. Antes disso, a maternidade era percebida de forma distinta; as crianças frequentemente eram enviadas para serem cuidadas por amas, e a figura materna não tinha o mesmo valor emocional e social que se reconhece atualmente (Badinter, 1985).

No final do século XVIII, observou-se uma exaltação do amor materno como um valor social natural, o que representou uma mudança significativa na forma como as mulheres eram vistas e como se viam. Esta nova visão atribuiu à mulher um papel central na família, elevando sua posição ao *status* de "rainha do lar", responsável não apenas pelo cuidado material, mas também pelo desenvolvimento moral e emocional dos filhos (Badinter, 1985, p. 222). Essa visão ganhou força em uma sociedade consumista pós-Segunda Guerra Mundial, por meio de músicas, jingles e comemorações, mais comerciais do que culturais, como o “Dia das Mães”.

A construção social da feminilidade e da maternidade tornou-se tão entrelaçada que a ideia de ser uma "boa mãe" passou a ser sinônimo de ser uma "boa mulher". Como Kehl (1998) afirma, a feminilidade foi tradicionalmente definida em termos da capacidade reprodutiva e do cuidado, o que reforça o papel da mulher como a principal responsável pela criação e educação dos filhos. Essa associação entre feminilidade e maternidade criou uma expectativa social onde a identidade da mulher é fortemente ligada à sua capacidade de ser mãe e, conseqüentemente, de cumprir os ideais de cuidado e abnegação:

[...] a feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; partindo daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico – a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. (Kehl, 1998, p. 30)

Kehl (1998) destaca que essa perspectiva pode limitar as oportunidades de autorrealização das mulheres em outros campos, ao colocá-las em uma posição em que a realização pessoal está condicionada ao sucesso no papel maternal. Além disso, essa visão reforça estereótipos de gênero que perpetuam desigualdades e limitam as escolhas das mulheres, impondo um ideal de feminilidade que muitas vezes não corresponde às suas aspirações e capacidades individuais.

A maternidade, nesse contexto, não é apenas uma função biológica, mas uma construção social que atribui à mulher a responsabilidade pelo bem-estar físico e moral de seus filhos. Surge a ideia da “mãe abnegada” imposta por essa ideologia, cujo principal objetivo de vida, quase uma “missão materna”, seria o cuidado e a educação dos filhos. Tal perspectiva reforçou a associação da identidade feminina com a esfera privada e doméstica, contrastando com a esfera pública, historicamente dominada pelos homens. Tal visão é profundamente enraizada nas sociedades patriarcais e reflete-se até hoje em atitudes machistas e discriminatórias contra as mulheres que a ela não correspondem. Também está ligada a ideais religiosos conservadores.

Strauss (2010) sugere que as experiências de maternidade geram uma série de expectativas sociais e pessoais, que influenciam a autoimagem da mulher e a forma como ela é percebida pelos outros. A maternidade, ao implicar novas responsabilidades e papéis, exige das mulheres uma reconfiguração de suas identidades, muitas vezes priorizando o papel de mãe sobre outros aspectos de sua vida pessoal e profissional.

Esse processo de transformação pode ser visto como uma espécie de "sobreposição de status" – a identidade de mãe se torna proeminente, ofuscando outros aspectos da identidade da mulher. Strauss (2010) argumenta que esse fenômeno pode levar a uma internalização dos papéis sociais prescritos, reforçando o papel da mulher como cuidadora e, em alguns casos, limitando suas oportunidades de autorrealização em outras áreas.

A maternidade não é uma experiência homogênea ou universal. As mulheres vivenciam a maternidade de maneiras diversas, influenciadas por fatores culturais, sociais, econômicos e pessoais. A experiência de ser mãe pode ser marcada tanto por sentimentos de realização quanto de frustração e perda de autonomia (Badinter, 1985). A pressão para corresponder ao ideal de "boa mãe" pode gerar conflitos internos e sentimentos de culpa, especialmente, quando as expectativas sociais não correspondem às realidades pessoais.

Esses desafios são particularmente evidentes em situações em que a mulher tenta equilibrar o papel de mãe com outros papéis sociais, como o de profissional. A dualidade entre o desejo de ser uma mãe presente e a necessidade ou desejo de realizar-se em outras esferas da vida pode levar a tensões e dilemas, impactando a autoimagem e a identidade da mulher (Strauss, 2010).

### 1.3 AS TENSÕES CONTEMPORÂNEAS

A maternidade no século XXI está inserida em um cenário de transformação: avanços tecnológicos, como as técnicas de reprodução assistida, permitem que mulheres adiem a maternidade até mesmo após os 40 ou 50 anos – o caso da atriz Claudia Raia teve repercussão midiática enorme ao ter seu filho Luca, aos 56 anos, em 2023, o que levou adeptos de redes sociais digitais a também manifestarem de forma odiosa preconceitos etaristas. Outro aspecto ligado à questão da maternidade contemporânea está ligado às novas configurações familiares que se popularizaram nas últimas décadas – tanto por divórcios e novos relacionamentos sucessivos, quanto pela formação de casais do mesmo sexo, como por exemplo, crianças com duas mães lésbicas envolvidas em um relacionamento/casamento. Há, ainda, cada vez mais, discussões acadêmicas e midiáticas que debatem como as mulheres podem conciliar a carreira e a maternidade, mas isso é frequentemente criticado por se limitar às mulheres em posições de privilégio.

Além disso, pesquisadores das mais diferentes áreas sociais, como Arlie Hochschild (2012), em *The Second Shift*, investigam como as mulheres ainda realizam a maior parte do trabalho doméstico e da criação dos filhos, ainda que em famílias em que ambos os parceiros trabalham fora de casa. Essa “segunda jornada” perpetua desigualdades de gênero e reforça os desafios da maternidade contemporânea.

Pode-se afirmar, baseada nos autores citados e na leitura de reportagens e artigos publicados em jornais e revistas, que a maternidade contemporânea é uma experiência plural e multifacetada, permeada por escolhas e imposições. Enquanto algumas mulheres veem na maternidade uma oportunidade de realização pessoal e transformação, outras vivenciam os desafios impostos por desigualdades estruturais, pressões culturais e dilemas internos. Autoras como as já citadas Badinter, Gutman, Davis e Hochschild nos ajudam a

compreender essas camadas, oferecendo perspectivas que ampliam a discussão sobre o papel das mulheres na sociedade e as possibilidades de uma maternidade mais livre e justa.

#### 1.4 POLÍTICAS DE APOIO À MATERNIDADE

As políticas de apoio à maternidade são fundamentais para assegurar que as mulheres possam exercer seus direitos de forma plena e equitativa. Elas desempenham um papel crucial na promoção da saúde física e emocional das mães e crianças, além de contribuir para a igualdade de gênero e a inclusão social. Essas políticas visam garantir que as mães tenham acesso a cuidados de saúde adequados, proteção no ambiente de trabalho e suporte financeiro durante e após a gravidez.

Ao oferecer suporte às famílias, essas políticas ajudam a equilibrar as responsabilidades profissionais e familiares, permitindo que as mulheres participem ativamente do mercado de trabalho sem comprometer a qualidade do cuidado com seus filhos. Dessa forma, as políticas de apoio à maternidade são essenciais não apenas para o bem-estar individual das mães e crianças, mas também para o desenvolvimento socioeconômico mais amplo e justo. Esse tipo de políticas públicas também pode ser relacionado ao respeito aos direitos humanos, à busca pela justiça social e às chamadas políticas afirmativas que tenham potencial de gerar inclusão social e de gênero.

No Brasil, diversas iniciativas foram implementadas com o objetivo de garantir esses direitos, destacando-se programas como o "Mães do Brasil" e a "Rede Cegonha":

- *Programa Mães do Brasil*: Instituído pelo Governo Federal, pelo Decreto nº 10.987, de 8 de março de 2022, o Programa Mães do Brasil visa fortalecer as políticas de proteção e assistência integral à gestante e à maternidade. O programa objetiva assegurar os direitos da criança nascida e por nascer, proporcionando um nascimento seguro e um desenvolvimento saudável. Além disso, busca fomentar a inserção e reinserção das mulheres mães no mercado de trabalho, conciliando trabalho e responsabilidades familiares (GOVERNO FEDERAL, 2022).
- *Rede Cegonha*: Este programa, mais antigo, criado em 2011, por meio da Portaria nº 1.459, do Ministério da Saúde, faz parte do Sistema Único de Saúde (SUS) e integra

a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher; oferece uma rede de cuidados que abrange desde o planejamento reprodutivo até o parto e o puerpério, garantindo um atendimento humanizado e de qualidade para as gestantes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Além desses programas, as políticas laborais desempenham um papel crucial no apoio à maternidade. Medidas como a licença-maternidade, licença-paternidade e a flexibilização dos horários de trabalho são fundamentais para que os pais possam participar ativamente na educação e cuidado dos filhos. Essas políticas não apenas beneficiam as famílias, mas também contribuem para a produtividade e satisfação dos trabalhadores (ONU Brasil, 2022).

Apesar dos avanços, ainda existem desafios a serem enfrentados. A resistência cultural e a falta de políticas integradas podem dificultar a implementação eficaz dessas iniciativas. A Lei 14.457, promulgada em 2022, introduziu importantes mudanças nas obrigações das empresas, promovendo um ambiente de trabalho mais inclusivo e seguro para mães e pais. Ela expandiu os direitos relacionados à licença-maternidade, autorizando a extensão do período de licença por mais 120 dias, com redução da jornada de trabalho pela metade, assegurando a manutenção da remuneração integral.

Em suma, as políticas de apoio à maternidade no Brasil são essenciais para promover a saúde e o bem-estar de mães e crianças, além de fomentar a equidade de gênero e a inclusão social. A implementação e o fortalecimento dessas políticas são fundamentais para garantir um futuro mais justo e igualitário para todas e todos.

## 2. JORNALISMO E WEB REPORTAGEM

### 2.1 A EVOLUÇÃO DO JORNALISMO NA ERA DIGITAL

O jornalismo, com seus vastos ramos e variações, tem percorrido um longo caminho desde a sua origem, sendo profundamente transformado revoluções digitais do século XXI. As inovações tecnológicas expandiram drasticamente o conceito de "produto jornalístico" bem como suas formas de consumo, desafiando os limites e os formatos tradicionais da profissão (FACOM UFBA, 2024).

A prática jornalística tem como alicerce métodos específicos e técnicas de apuração. Em sua essência, está a metodologia jornalística, baseada na coleta e análise rigorosa de informações com o objetivo de narrar histórias precisas e relevantes. Esse processo metodológico também é vital na criação de produtos jornalísticos.

John V. Pavlik, em seu livro "Journalism and New Media" (2001), destaca que o jornalismo do século XXI deve buscar um equilíbrio entre tradição e inovação. A tradição é representada pelos princípios inalienáveis do jornalismo, como a precisão, a imparcialidade e a responsabilidade. Por outro lado, a inovação é impulsionada pelas oportunidades apresentadas pelas novas tecnologias, que oferecem novos formatos e maneiras de contar histórias.

A criação de um produto jornalístico, conforme abordado neste artigo, é um processo que se inicia com a concepção da ideia da pauta até a sua publicação e distribuição. No cerne desse processo está a metodologia jornalística. Cada etapa deve ser influenciada e refinada com base nos princípios e técnicas jornalísticas. Por exemplo, na fase de concepção do produto, a pesquisa de público e mercado deve ser conduzida com o mesmo rigor e detalhamento que um jornalista aplicaria na pesquisa de uma história. A precisão, equilíbrio e relevância devem ser os pilares da produção do conteúdo do produto, como acontece na produção de reportagens.

O jornalismo continua evoluindo, adaptando-se às inovações tecnológicas e às demandas do público, enquanto mantém seus princípios fundamentais. Independentemente do formato ou do meio, o compromisso com a precisão, equilíbrio e relevância permanece o cerne da profissão (Pavlik, 2001).

Em estudo feito por Lopes e Bonisem (2019), as autoras destacam que a principal transformação do jornalismo na era digital, conforme enfatizado por repórteres e editores, é "a velocidade da informação":

[...] “a velocidade da informação” (...) a grande responsável pela dificuldade de profundidade nas matérias jornalísticas, o que as tornam mais superficiais e descontextualizadas. Outra questão levantada por eles também foi a entrada de dispositivos digitais que facilitam o desempenho no trabalho, mas, em contrapartida, veio também o acúmulo de funções, por exemplo, o caso do profissional multimídia – escreve, filma, edita, etc. (Lopes e Bonisem, 2019, p. 14)

Essa adaptação constante no jornalismo digital reflete a necessidade de equilibrar a rapidez da informação com a profundidade e contexto das matérias. A velocidade da informação, embora traga benefícios como a agilidade na divulgação de notícias, também impõe desafios significativos, como a superficialidade e a descontextualização das matérias.

Por outro lado, a entrada de dispositivos digitais tem facilitado o trabalho dos jornalistas, mas também resultou no acúmulo de funções, transformando o profissional em um multitarefa que escreve, filma e edita, entre outras atividades. Essa evolução exige uma reflexão contínua sobre a prática jornalística e a necessidade de manter os princípios fundamentais de precisão, imparcialidade e responsabilidade, mesmo em meio às mudanças rápidas e às novas demandas do ambiente digital.

## 2.2 NARRATIVAS LONGFORM ONLINE: RENOVAÇÃO JORNALÍSTICA

Dentre as transformações com a evolução tecnológica e a migração dos veículos jornalísticos para plataformas digitais, uma das manifestações mais significativas dessas mudanças é a narrativa *longform* agora relatada no espaço online, que combina a profundidade do jornalismo *longform* tradicional com as possibilidades interativas e multimídia da internet.

Essas narrativas são definidas por algumas características essenciais que sustentam sua existência: a base de dados, a hipertextualidade, a multimidialidade e a interatividade (Baccin, 2017). Essas características qualitativas garantem o caráter hipermídia da

narrativa, permitindo agregar informações ao texto e possibilitando o aprofundamento, a contextualização e a imersão do leitor na reportagem.

A multimídia, por exemplo, permite a inclusão de vídeos, gráficos interativos, e áudios, que enriquecem a experiência do consumidor e oferecem múltiplas perspectivas sobre o tema abordado. A hipertextualidade facilita a navegação entre diferentes partes do texto e outras fontes, promovendo uma leitura não-linear e mais interativa. A base de dados oferece uma estrutura sólida de informações, essencial para a profundidade e precisão da narrativa. Por fim, a interatividade permite que os leitores participem ativamente da construção do significado, seja por meio de comentários, *feedback* ou navegação personalizada (Baccin, 2017).

O gênero *longform* no jornalismo digital teve uma consolidação marcante com a publicação de "Snow Fall" pelo jornal *The New York Times*, em 2012. Esta grande reportagem multimídia (GRM) descreve de forma inovadora uma avalanche de neve no estado de Washington, utilizando uma combinação de gráficos interativos, vídeos, biografias e textos verbais (Longhi, 2014). Esta reportagem não só redefiniu os padrões de qualidade e inovação no jornalismo online, mas também demonstrou o potencial das narrativas *longform* para atrair grande audiência, com 2,9 milhões de visitas e 3,5 milhões de *page views* nos primeiros seis dias de publicação (Amado, 2013).

A adoção da linguagem HTML5 foi um fator crucial para a evolução do *longform* digital. Com a estabilização deste código, os textos longos passaram a ser apresentados de forma contínua, explorando melhor as possibilidades de navegação e leitura imersiva (Longhi, 2014). A padronização proporcionada pelo HTML5, juntamente com o design responsivo, adaptou as grandes reportagens multimídia a diferentes dispositivos, como celulares, *tablets* e computadores, tornando-as mais acessíveis e atrativas ao público contemporâneo.

No Brasil, o jornalismo *longform* digital tem sido adotado por vários portais noticiosos, destacando-se pela sua qualidade e inovação. A *Folha de S.Paulo* e o portal UOL são exemplos notáveis dessa tendência. A série "Tudo Sobre" da *Folha*, que inclui reportagens como "A Batalha de Belo Monte", "O Golpe e a Ditadura Militar" e "Crise da Água", demonstra o uso eficaz do formato *longform* para explorar temas complexos e de grande relevância social (Longhi; Winques, 2015). Estas reportagens utilizam uma

combinação de textos longos, divididos em capítulos, com diversos elementos multimídia como infográficos, áudios, animações, fotos e vídeos.

O UOL TAB, por sua vez, publicou por mais de dez anos grandes reportagens multimídia semanalmente, abordando temas variados e oferecendo uma experiência de leitura contínua e imersiva. A primeira reportagem da série, "Compartilhe-se", discute o crescimento da economia compartilhada e exemplifica o uso criativo e interativo das possibilidades do jornalismo digital (Flores, 2014).

As narrativas *longform* online representam uma renovação significativa no jornalismo, em termos de forma e de conteúdo. Elas permitem uma abordagem mais profunda e contextualizada dos assuntos, recuperando a qualidade e o rigor investigativo do jornalismo impresso, ao mesmo tempo em que aproveitam as possibilidades multimídia e interativas oferecidas pela internet.

Esta renovação também está associada a uma transformação nas práticas jornalísticas e na relação com o público. As narrativas *longform* exigem uma apuração cuidadosa e um trabalho colaborativo entre diversos profissionais, incluindo jornalistas, designers, programadores e editores de vídeo. Além disso, promovem uma maior participação do leitor, que pode interagir com o conteúdo e explorar diferentes camadas de informação (Baccin, 2017; Longhi, 2014).

As narrativas *longform* online representam uma importante renovação no jornalismo, combinando a profundidade e a qualidade do jornalismo investigativo tradicional com as possibilidades interativas e multimídia da era digital. Exemplos como "Snow Fall" do The New York Times e as grandes reportagens da *Folha de S.Paulo* e do UOL TAB demonstram o potencial deste formato para engajar o público e oferecer uma experiência de leitura rica e imersiva. À medida que as tecnologias continuam a evoluir, as narrativas *longform* certamente continuarão a desempenhar um papel crucial na reinvenção do jornalismo e na oferta de conteúdo de alta qualidade ao leitor.

### 3 METODOLOGIA JORNALÍSTICA

Este capítulo descreve a metodologia adotada para a produção do livro-reportagem “Maternidades em Foco: Explorando diversas perspectivas sobre ser mãe”. Ele aborda a forma como a reportagem foi produzida, incluindo a realização de entrevistas com personagens que se encaixam no formato abordado. Além disso, são apresentados o planejamento do produto jornalístico e o levantamento de fontes.

#### 3.1 PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO DA WEB REPORTAGEM

O planejamento da web reportagem iniciou-se com a definição do tema central: explorar as diferentes experiências de maternidade e a opção de não ser mãe, abordando as diversas realidades enfrentadas por mulheres em diferentes contextos. Com o tema estabelecido, foi realizado um levantamento abrangente de mulheres que pudessem enriquecer a narrativa, como personagens, e oferecer uma visão diversificada sobre o assunto, Mas, entende-se que tivemos aqui apenas um recorte do que poderia ter isso um cenário mais amplo.

**TABELA 1**

<b>Fonte</b>	<b>Assunto</b>
Vanessa Taborda	Mãe tentante
Caroline Swinka	Mãe empresária
Sandra Duarte	Mãe adotiva
Caroline Meira	Mãe solo
Cristiane Leiria	Mãe solo na adolescência
Ketlyn Souza	Mãe na adolescência e o trabalho
Mônica Fort	Opção pela não maternidade
Carolina Paulino	Psicóloga
Eliane Basílio	Socióloga
Helena Romfeld	Advogada

Fonte: O autor (2024)

Para organizar o processo de produção, elaborou-se um cronograma, que incluiu a fase de levantamento de fontes, a realização de entrevistas e a coleta de informações essenciais. Dada a diversidade das histórias a serem abordadas, o planejamento levou em consideração as limitações e a disponibilidade das fontes, garantindo flexibilidade nos prazos para acomodar eventuais desafios.

As entrevistas, uma parte crucial do processo, foram conduzidas principalmente de forma online, devido à necessidade de acessar fontes em diferentes locais e contextos. A abordagem online permitiu uma maior amplitude na coleta de relatos e facilitou o contato com diversas mulheres, independentemente de suas localizações geográficas.

Com as informações e entrevistas em mãos, a fase de construção da reportagem foi iniciada. A estruturação da reportagem no site visou não apenas informar, mas também engajar o público, destacando as múltiplas facetas da maternidade e a escolha de não ser mãe em diferentes realidades. Ao final, foi construído um “um texto âncora”, mais informativo, com dados sobre diferentes situações que envolvem a maternidade no Brasil.

O site foi idealizado para explorar e amplificar as diversas perspectivas relacionadas à maternidade, buscando dialogar tanto com dados concretos quanto com experiências pessoais. Sua estrutura e design foram pensados para oferecer uma navegação fluida, estética acolhedora e conteúdos que ressoem com o imaginário do público, priorizando tons mais neutros para não cair em estereótipos de gênero.

## IMAGEM 1 - PÁGINA INICIAL DO SITE



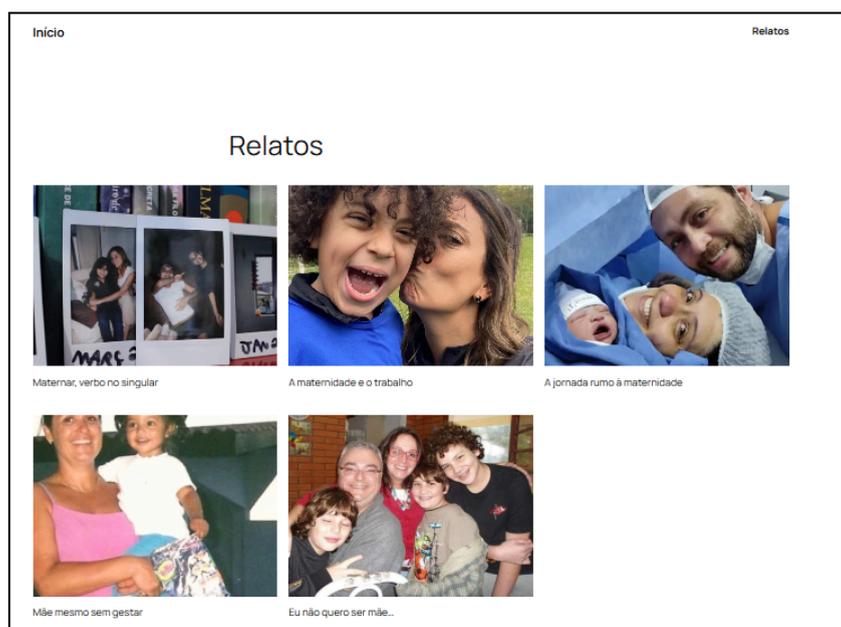
Fonte: O autor (2024)<sup>1</sup>

Essa página serve como introdução ao tema da maternidade em sua totalidade, apresentando dados retirados de pesquisas acadêmicas e estatísticas recentes. Para ilustrar e enriquecer essa abordagem, foram utilizados áudios de profissionais qualificados que abordam o tema sob diferentes perspectivas.

As imagens utilizadas na página inicial foram estrategicamente escolhidas para representar situações e cenários que já fazem parte do imaginário coletivo sobre a maternidade. Esse recurso visual tem como objetivo criar uma conexão imediata com o público, evocando identificação e interesse em explorar mais sobre o conteúdo apresentado.

O design limpo e organizado garante que os elementos multimídia, como áudios e imagens, sejam destacados sem competir entre si.

## IMAGEM 2 - MENU DE RELATOS



Fonte: O autor (2024)<sup>2</sup>

O menu de relatos foi montado para dar dinamicidade à reportagem. Ele apresenta cinco janelas que podem ser acessadas para se aprofundar em assuntos específicos que abordam a temática central do site, cada uma acessível por meio de uma galeria inicial que

<sup>1</sup> Disponível em <https://maternidadeseemfoco.blog/>. Acesso dia 14 de dezembro de 2024.

<sup>2</sup> Disponível em <https://maternidadeseemfoco.blog/>. Acesso dia 14 de dezembro de 2024.

utiliza fotografias pessoais de algumas das participantes. O aspecto visual foi planejado para transmitir intimidade, com imagens que evocam momentos reais e genuínos das vidas das mulheres envolvidas.

### IMAGEM 3 - RECURSOS MULTIMÍDIA



Fonte: O autor (2024)<sup>3</sup>

Os arquivos de mídia utilizados no site foram, em sua maioria, extraídos das entrevistas com as mulheres participantes. Esta abordagem garante que as vozes das mães entrevistadas sejam ouvidas diretamente, sem filtros, se tornando mais atrativa para o leitor. Além disso, fotos do arquivo pessoal dessas mulheres foram incorporadas, adicionando uma camada visual que complementa os relatos.

Para enriquecer a imersão do leitor, a reportagem combina vídeos e áudios. Os vídeos permitem que os leitores vejam as expressões e emoções das entrevistadas, criando uma experiência mais envolvente e pessoal. Os áudios, por sua vez, trazem profissionais da área para se aprofundarem no tema com uma visão mais técnica. Esta escolha não apenas mantém a consistência visual, mas também enfatiza a importância de outros recursos como os áudios.

<sup>3</sup> Disponível em <https://maternidadesemfoco.blog/>. Acesso dia 14 de dezembro de 2024.

A decisão de usar uma estética neutra foi pensada para atrair e manter a atenção do público. O layout simples e elegante facilita a navegação, permitindo que os leitores se concentrem no conteúdo sem distrações desnecessárias. As cores e o design são agradáveis aos olhos, tornando a experiência de leitura mais confortável e prazerosa.

Além disso, o uso de arquivos de mídia variados – textos, vídeos, áudios e fotos – proporciona uma narrativa multimodal que enriquece a compreensão e o envolvimento do público. Cada formato de mídia oferece uma maneira diferente de se conectar com as histórias, garantindo que a reportagem atenda a diversos estilos de aprendizagem e preferências dos leitores.

Em suma, o site "Maternidades em Foco" foi construído com o objetivo de criar uma plataforma envolvente e acessível que destaque as diversas experiências e perspectivas sobre a maternidade. O design clean e a combinação de diferentes formatos de mídia trabalham juntos para oferecer uma experiência rica e humanizada, que não só informa, mas também toca o coração dos leitores.

### 3.2 LEVANTAMENTO DE FONTES JORNALÍSTICAS

Para a produção da web reportagem sobre as diferentes experiências de maternidade, foi realizado um levantamento de fontes jornalísticas que se adequassem ao propósito de fornecer uma visão diversificada sobre o tema. A investigação teve como objetivo capturar os relatos de mulheres em diversas situações, incluindo mães solo, tentantes, adotivas, empresárias e aquelas que optam por não ter filhos, além de abordar as influências sociais e políticas sobre suas experiências.

O processo de levantamento de fontes incluiu uma busca abrangente por artigos, reportagens, estudos acadêmicos e entrevistas que explorassem as nuances da maternidade em diferentes contextos. Além de fontes tradicionais de mídia, como jornais, revistas e portais de notícias, também foram consultadas redes sociais e blogs, que frequentemente oferecem relatos pessoais e perspectivas únicas sobre a maternidade.

### 3.3 MATERIAIS QUE INSPIRAM

Grandes reportagens em formato *longform* têm um papel fundamental em inspirar o trabalho jornalístico, oferecendo uma profundidade de narrativa e uma riqueza de detalhes que permitem ao leitor uma imersão completa no tema abordado. Uma das principais referências que me influenciam são os especiais produzidos pelo UOL Tab, que se destacam

pela qualidade do conteúdo, inovação na apresentação e compromisso com a verdade. Especificamente, a reportagem "A Vida em Colapso" sobre a usina de Belo Monte, exemplifica como uma narrativa bem estruturada pode expor as complexas interações entre desenvolvimento econômico, questões ambientais e os direitos das comunidades locais. Este tipo de jornalismo não apenas informa, mas também sensibiliza e engaja o público em questões críticas, servindo como uma poderosa ferramenta para fomentar o debate público e promover mudanças sociais.

A reportagem "A Vida em Colapso" é um exemplo paradigmático do impacto que uma abordagem longform pode ter. Ao mergulhar profundamente nas consequências da construção da usina de Belo Monte, o UOL Tab proporciona uma visão abrangente que vai além dos fatos superficiais, explorando as histórias pessoais das pessoas afetadas, os desafios ambientais e as implicações políticas. Este nível de detalhamento e o uso de recursos multimídia, como vídeos, gráficos interativos e fotografias, tornam a experiência de leitura mais envolvente e educativa. Este tipo de trabalho não só me inspira pela sua qualidade técnica e narrativa, mas também pela sua capacidade de humanizar temas complexos, demonstrando o poder do jornalismo em criar empatia e compreensão sobre realidades muitas vezes distantes do cotidiano dos leitores.

Para o design e construção do site, a web reportagem "Teste do Pezinho: uma luta pelo futuro de crianças raras" por Carolina Calixto também foi modelo de inspiração por sua combinação cuidadosa de elementos visuais e narrativos. Além da combinação multimodal de recursos midiáticos, me inspirei na forma em que ela separou os relatos do texto âncora, conferindo dinamicidade e profundidade às histórias. Essa abordagem não apenas organiza o conteúdo de maneira clara, mas também permite que o leitor mergulhe nas experiências individuais sem perder de vista o contexto maior, o que enriquece a compreensão e o envolvimento com o tema.

Fora do formato que escolhi, "A Vida que Ninguém Vê" (2006) é outra obra que ilustra a relevância das grandes reportagens e que inspira no fazer jornalístico. Neste livro, Brum dá voz a pessoas comuns que vivem nas margens da sociedade. Através de uma série de reportagens, a autora revela histórias de vida marcadas pela luta, resistência e humanidade.

Sob a máxima "Porque toda vida é tecida pelo fio do extraordinário", Brum faz um trabalho minucioso de apuração, utilizando sua habilidade narrativa para criar um retrato

vívido e emocionante de seus personagens. Ao fazer isso, ela humaniza os marginalizados e invisíveis, provocando empatia e compreensão nos leitores. Este livro demonstra o poder do jornalismo em revelar histórias ocultas, desafiando preconceitos e estimulando a reflexão social.

Ambos os modelos exemplificam o valor do jornalismo. Eles vão além da superfície, explorando a complexidade e a humanidade dos personagens e dos temas. Por isso, são testemunhos poderosos da relevância das grandes reportagens, reforçando o papel crucial do jornalismo na sociedade.

## **EXPERIÊNCIA**

A escolha do tema para o TCC foi um processo complexo e desafiador, iniciado com a intenção de desenvolver um livro-reportagem sobre a maternidade entre as detentas do presídio de Piraquara. No entanto, após a negativa de autorização por parte do governo estadual, a abordagem precisou ser modificada. Optou-se, então, por explorar as diferentes experiências de maternidade e a escolha de não ser mãe, abrangendo as diversas realidades enfrentadas por mulheres em contextos variados.

A revisão da literatura foi um passo crucial, envolvendo uma busca minuciosa por fontes teóricas e jornalísticas que pudessem sustentar e enriquecer o trabalho. Foram consultados estudos acadêmicos sobre maternidade, artigos jornalísticos e livros de autores renomados, que ajudaram a construir uma base teórica sólida e a oferecer uma visão abrangente sobre o tema. Essa fundamentação teórica foi essencial para contextualizar e interpretar as experiências pessoais relatadas na reportagem.

A relação com a professora orientadora foi fundamental para o sucesso do TCC. As orientações, que ocorreram com frequência regular, foram essenciais para guiar o desenvolvimento do trabalho, oferecendo insights valiosos e sugestões que enriqueceram a pesquisa. Essa parceria ajudou a superar desafios e a aprimorar o trabalho final.

Entre os desafios enfrentados, destacam-se a alteração do tema devido à negativa do governo, limitações de tempo, greves e as dificuldades relacionadas à minha viagem à África. Nos últimos seis meses do desenvolvimento do TCC, morei em três países africanos: Tanzânia, eSwatini e Serra Leoa. Essa experiência foi enriquecedora pessoalmente, mas trouxe complexidades significativas para a conclusão do trabalho acadêmico. Conciliar os horários de trabalho e as diferenças de fuso horário com as exigências do TCC foi um desafio constante. Algumas entrevistas precisaram ser realizadas em horários incomuns, adaptando-se à minha disponibilidade e à das entrevistadas. Além disso, as sessões de orientação com a professora exigiram um planejamento cuidadoso para garantir que eu pudesse participar ativamente.

Os principais achados do TCC destacam a valorização e a reflexão sobre a maternidade e a escolha de não ser mãe, evidenciando a necessidade de políticas públicas que atendam às diferentes realidades das mulheres. O impacto do trabalho foi significativo tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico, proporcionando uma nova perspectiva sobre a

maternidade e contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e análise crítica. O TCC não apenas acrescentou valor ao campo de conhecimento, mas também promoveu uma discussão relevante sobre a maternidade e suas diversas nuances.

## CONCLUSÕES

É essencial refletir sobre os objetivos e as contribuições que a web reportagem oferece tanto para o campo acadêmico quanto para o jornalismo e a sociedade em geral. A investigação apresentada, centrada nas múltiplas dimensões da maternidade, destaca-se por sua abordagem multifacetada, proporcionando uma visão variada, embora recortada, das experiências maternas.

Através de uma análise das diferentes realidades enfrentadas por mães solo, tentantes, adotivas, empresárias e mulheres que optam por não ter filhos, o produto amplia o entendimento sobre as diversas formas de vivenciar a maternidade. A pesquisa demonstrou que, além das responsabilidades práticas e emocionais inerentes à maternidade, as estruturas sociais e políticas desempenham um papel significativo na moldagem dessas experiências. Políticas públicas como licença-maternidade, disponibilidade de creches e apoio financeiro emergiram como elementos cruciais que impactam diretamente a vida das mães e sua capacidade de conciliar trabalho e maternidade.

Também é necessário se atentar às narrativas sociais e culturais que cercam a maternidade, revelando como estereótipos e expectativas podem influenciar a percepção e a vivência desse papel. A diversidade cultural e socioeconômica foi explorada para demonstrar as variações e similaridades nas experiências maternas em diferentes contextos. A decisão de não ter filhos, frequentemente estigmatizada, foi igualmente abordada, oferecendo uma visão empática e compreensiva das razões e implicações dessa escolha.

Em suma, este Trabalho de Conclusão de Curso não apenas cumpre seu objetivo de desconstruir conceitos tradicionais de maternidade e explorar os fatores culturais, sociais e econômicos que moldam essas vivências, mas também promove uma reflexão mais ampla e inclusiva sobre o que significa ser mãe na contemporaneidade. Ao dar voz às diversas experiências maternas, espera-se fomentar uma maior empatia e reconhecimento das múltiplas formas de exercer esse papel, contribuindo para uma sociedade mais justa e compreensiva.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Dia Nacional da Adoção: Brasil tem 3.800 crianças à espera de um lar.** Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-05/dia-nacional-da-adocao-brasil-tem-3800-criancas-espera-de-um-lar>. Acesso em: 9 dez. 2024.

AGÊNCIA BRASIL. **Taxa de fecundidade no Brasil cai para 1,57 filho por mulher.** Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2024-08/taxa-de-fecundidade-no-brasil-cai-para-157-filho-por-mulher>. Acesso em: 25 nov. 2024.

AMADO, Gilberto. **Snow Fall.** *The New York Times*, 2013.

ANDRADE, Luiza Lobato. **Gênero, trabalho e bem-estar social na América Latina: um estudo das políticas de licenças maternidade, paternidade e parentais no Brasil, Chile e Uruguai.** 2018. 127 f. il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BACCIN, Alciane. **A narrativa longform em reportagens hipermídia.** *Estudos em Jornalismo e Mídia*, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 89-101, 10 out. 2017. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n1p89>.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL DE FATO. **Datafolha: metade das mães brasileiras são solo e 69% das mulheres no país têm ao menos 1 filho.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/14/datafolha-metade-das-maes-brasileiras-sao-solo-e-69-das-mulheres-no-pais-tem-ao-menos-1-filho>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê.** São Paulo: Editora Globo, 2006.

CALIXTO, Carolina. **HISTÓRIAS AMPLIADAS.** Disponível em: <https://www.historiasampliadas.com/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

CANAL DA ÉTICA. **Lei 14.457/22: a importância da licença maternidade ampliada para a saúde materna e infantil.** Canal da Ética, 2022. Disponível em: <https://canaldaetica.com.br/blog/lei-14-457-22-a-importancia-da-licenca-maternidade-ampliada-para-a-saude-materna-e-infantil/#:~:text=Em%202022%2C%20a%20Lei%2014.457,acr%C3%A9scimos%20importantes%20C3%A0%20licen%C3%A7a%2Dmaternidade>.

Acesso em: 07 ago. 2024.

CHODOROW, Nancy. **"The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender."** Berkeley: University of California Press, 1990.

CNN BRASIL. **Mães negras recebem salário menor que trabalhadoras não negras, aponta pesquisa.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/maes-negras-recebem-salario-menor-que-trabalhadoras-nao-negras-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CNN BRASIL. **Uma em cada 10 mulheres sofrerá um aborto, diz pesquisa.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/uma-em-cada-10-mulheres-sofrera-um-aborto-diz-pesquisa/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **CNJ anuncia melhorias no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento.** Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/cnj-anuncia-melhorias-no-sistema-nacional-de-adocao-e-acolhimento/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Estatísticas da adoção e do acolhimento no Brasil - SNA.** Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/estatisticas-da-adocao-e-do-acolhimento-no-brasil-sna/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Passo a passo da adoção.** Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco/es/adocao/passo-a-passo-da-adocao/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. **IBGE: mulheres estão adiando maternidade para não perder postos de emprego.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2024/03/6815947-ibge-mulheres-estao-adiando-maternidade-para-nao-perder-postos-de-emprego.html>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CORREIO DO POVO. **População brasileira começará a diminuir em 2042, diz IBGE.** Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/popula%C3%A7%C3%A3o-brasileira-come%C3%A7ar%C3%A1-a-diminuir-em-2042-diz-ibge-1.1525398>. Acesso em: 25 nov. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Dina Antunes. Lisboa: Orfeu Negro, 2023. 348 p. ISBN 9789899071629.

DIAS, Tamires Alves; MENDES, Stéffane Costa; GOMES, Samara Calixto. **Maternidade romantizada: expectativas e consequências do papel social esperado de mãe.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 8, p. 2581-2592, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016>. Acesso em: 28 jul. 2024.

DR. ARLLEY CLEVESON. **Fatores de risco para perdas gestacionais.** Disponível em: <https://drarleycleveson.com.br/fatores-risco-perdas-gestacionais/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FACOM. **Guia do Jornalismo na Internet - O Jornalismo na Era Digital.** Disponível em: <https://facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/Guia/cap02.html>. Acesso em: 07 ago. 2024.

FGV. **Mulheres perdem trabalho após terem filhos.** Disponível em: <https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FLORES, Rodrigo. **Declaração sobre a proposta do UOL TAB**. 2014.

FUNDAÇÃO 1º DE MAIO. **Conheça 6 direitos trabalhistas das mães brasileiras**. Disponível em: <https://www.fundacao1demaio.org.br/conheca-6-direitos-trabalhistas-das-maes-brasileiras/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GENYO. **Direitos das mães**. Disponível em: <https://genyo.com.br/direitos-das-maes/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri; PICCOLI, Daniele; BEZERRA, Islândia; ALMEIDA, Claudia Choma Bettega. **Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero**. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 23, n. 8, p. 2731-2739, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016>.

GOVERNO FEDERAL. **Políticas públicas garantem conquistas para mulheres e mães brasileiras**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/politicas-publicas-garantem-conquistas-para-mulheres-e-maes-brasileiras>. Acesso em: 25 nov. 2024.

GOVERNO FEDERAL. **Programa Mães do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2022/marco/governo-federal-cria-o-programa-maes-do-brasil>. Acesso em: 28 jul. 2024.

GUTMAN, Laura. **A maternidade e o encontro com a própria sombra**. 9. ed. Tradução de Título original: *La maternidad y el encuentro con la propia sombra*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016. ISBN 9788546500215.

HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Anne. **The second shift: working parents and the revolution at home**. Reedição de 2012. New York: Viking Penguin, 2012. ISBN 9780143120339.

HRDY, SARAH BLAFFER. (1999/2001). **Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução: maternidade e seleção natural**. Rio de Janeiro: Editora Campos.

IBGE. **IBGE divulga sub-registros e subnotificações de nascimentos e óbitos de 2022**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39647-ibge-divulga-sub-registros-e-subnotificacoes-de-nascimentos-e-obitos-de-2022>. Acesso em: 25 nov. 2024.

Interação em Psicologia, 2002, 6(1), p. 117-123 1 RESENHA **Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução: Maternidade, filhos e seleção natural** Vera Silvia Raad Bussab Universidade de São Paulo

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino. A mulher Freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar Estermann; BORGES, Zulmira Newlands. **Políticas de inclusão social no Brasil contemporâneo e educação da maternidade.** *Cad. Pesqui.* [online], 2013, vol.43, n.150, pp.906-923. ISSN 0100-1574.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo.** *Brazilian Journalism Research*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015. DOI: 10.25200/BJR.v11n1.2015.693. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693>. Acesso em: 28 jul. 2024.

LOPES, Daniele Vieira; BONISEM, Fabiano Mazzini. **O Jornalismo na Era Digital: impactos percebidos por repórteres e editores.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Vitória, jun. 2019.

MD SAÚDE. **Aborto espontâneo: causas e fatores de risco.** Disponível em: <https://www.mdsaude.com/gravidez/aborto-espontaneo/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MICHAELIS. **Dicionário de Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maternidade>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Rede Cegonha.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-da-mulher/rede-cegonha>. Acesso em: 28 jul. 2024.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na história e a história dos cuidados maternos.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 44-55, mar. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932004000100006>.

ONU BRASIL. **Políticas laborais de apoio a quem tem filhos beneficiam trabalhadores e empresas.** 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/79158-po%C3%ADticas-laborais-de-apoio-quem-tem-filhos-beneficiam-trabalhadores-e-empresas-diz-relat%C3%B3rio>. Acesso em: 28 jul. 2024.

PAVLIK, John V. **Journalism and new media.** Columbia University Press, 2001.

PODER FEMININO E PODER MATERNO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA E DA MATERNIDADE. *Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 27-36, 2010. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/289>. Acesso em: 28 jul. 2024.

RITTER, Eduardo. **New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura.** *Rizoma*, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 56-70, jul. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3459>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SANTOS, João. **Belo Monte: A Usina e o Rio.** *UOL*, 20 nov. 2015. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/belo-monte/>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SERASA. **Salário-maternidade: como funciona?** Disponível em: <https://www.serasa.com.br/blog/salario-maternidade-como-funciona/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SCAVONE, Lucila. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, p. 47-59, 2001.

SCIELO. **Mulheres e saúde materna no Brasil.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/tX8xjD4L48d5wRfPnfY6RkF/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SILVERMAN, David. **Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek.** *The New York Times*, 20 dez. 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>. Acesso em: 28 jul. 2024.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e Máscaras: A Busca da Identidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO. **Apadrinhamento afetivo.** Disponível em: <https://www.tjsp.jus.br/apadrinhamentoafetivo>. Acesso em: 9 dez. 2024.

VALASQUES BARRETTO, A. P. **O ser mãe: expectativa de primigestas.** *Saúde.com*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 9-23, 2009. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/162>. Acesso em: 28 jul. 2024.

VALOR ECONÔMICO. **Parcela de mães com 40 anos ou mais dobra em 22 anos, aponta IBGE.** Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/03/27/parcela-de-maes-com-40-anos-ou-mais-dobra-em-22-anos-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 25 nov. 2024.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2023.** Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/global-gender-gap-report-2023/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

# Maternidades em foco: Experiências e perspectivas sobre ser mãe

## Maternidade e suas variações em dados

*Embora avanços sociais e econômicos tenham redefinido o perfil da maternidade no Brasil, o tema ainda é profundamente marcado por desigualdades estruturais*

Reportagem do Trabalho de Conclusão de Curso  
por July Ana Mendes



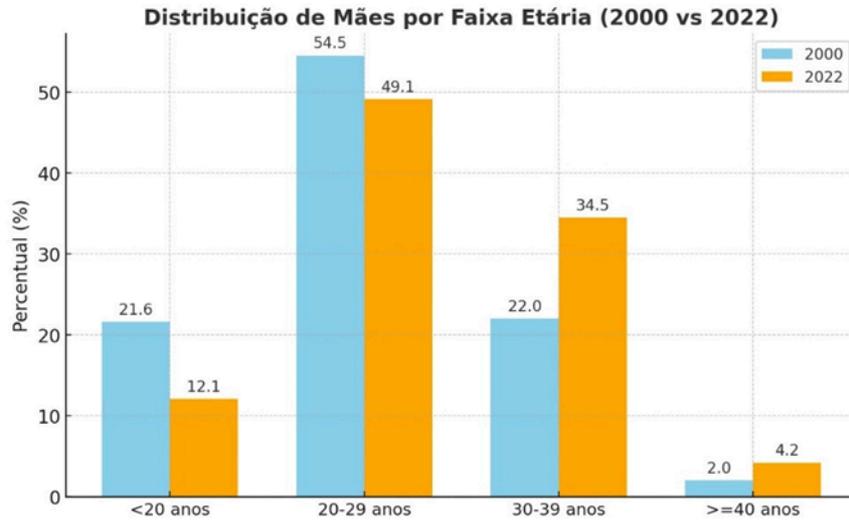
Foto: [Kristina Paukshтите](#)

A maternidade no Brasil é um tema complexo que envolve uma série de desafios sociais, econômicos e culturais. Embora haja avanços significativos nas últimas décadas, muitas mulheres ainda enfrentam obstáculos substanciais que afetam sua qualidade de vida e suas oportunidades no mercado de trabalho.

De acordo com o dicionário, o termo maternidade é definido como “estado ou qualidade de mãe” e, no campo jurídico, como a “relação de parentesco que liga a mãe a seu(s) filho(s)”. Mas essa definição simplista não abrange a complexidade envolvida na construção social, cultural e emocional do tema. A ideia de maternidade transcende à mera biologia e se insere em contextos históricos, sociais e culturais que moldam as expectativas e os papéis associados à figura materna.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maternidade no Brasil apresenta um panorama em constante transformação. Em 2022, foram registrados aproximadamente 2,57 milhões de nascimentos vivos, com uma taxa de fecundidade que caiu para 1,57 filho por mulher, refletindo uma tendência de adiamento da maternidade entre as brasileiras, o que

também segue uma tendência de muitos países desenvolvidos. O perfil das mães também está mudando. O número de mães com 40 anos ou mais dobrou nos últimos 22 anos, passando de 2% em 2000 para 4,2% em 2022. As mães acima de 30 anos já representam quase 39% dos nascidos vivos. Em contrapartida, a proporção de mães adolescentes (com menos de 20 anos) caiu drasticamente, passando de 21,6% em 2000 para apenas 12,1% em 2022.



Fonte dos dados: Estatísticas do Registro Civil 2022, divulgadas no dia 27 de março de 2024

Essas mudanças estão ligadas a diversos fatores sociais e econômicos. Muitas mulheres estão priorizando a educação e a carreira, assim como a estabilidade financeira, antes de formar uma família, o que tem levado a um aumento na idade média das mães no Brasil. A participação feminina no mercado de trabalho foi de 53,3% em 2022, ainda inferior a dos homens (73,2%), mas com um crescimento significativo ao longo dos anos. Essa realidade reflete a dificuldade que muitas mulheres enfrentam em conciliar a maternidade com suas carreiras profissionais.

Um reflexo desse cenário é a tendência crescente entre as mulheres brasileiras da escolha pela não maternidade. O IBGE também apresentou uma projeção referente à diminuição da população brasileira no futuro. Segundo os dados, o número de habitantes no Brasil deve atingir seu pico em 2041, ultrapassando 220 milhões, e, a partir daí, começará a diminuir, chegando a pouco mais de 199 milhões até 2070.

Além disso, o percentual de sub-registro de nascimentos tem diminuído. Em 2022, apenas 1,31% dos nascimentos foram considerados sub-registrados, o menor índice desde o início da série histórica em 2015. No entanto, as desigualdades regionais persistem: o Norte do Brasil ainda apresenta os maiores índices de sub-registro.

É importante ressaltar nesse cenário estatístico que metade das mães brasileiras são consideradas arrimo de família, sendo muitas delas solteiras, viúvas ou divorciadas. Dados do Datafolha indicam que 55% das mães são chefes de família, e entre essas, 44% vivem com menos de R\$ 1.212 por mês. Essa realidade ressalta a vulnerabilidade econômica enfrentada por muitas mães solo, que frequentemente precisam aceitar empregos com

salários mais baixos devido à ausência de um parceiro que contribuía financeiramente.



A personagem Griselda (“Pereirão”) da telenovela “Fina Estampa” encantou o público por ser uma mãe solo e batalhadora. Foto: Divulgação Rede Globo

Apesar da tendência crescente de adiamento ou mesmo recusa da maternidade entre as mulheres brasileiras, ainda há um número significativo de mulheres que sonham em ser mães.

Segundo dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, atualmente (2024), existem cerca de 46 mil pretendentes à adoção no Brasil, com aproximadamente 3.800 crianças e adolescentes aguardando por um lar. Isso reflete não apenas o desejo de muitas mulheres em formar uma família, mas também os desafios enfrentados na busca por uma criança.

Cada vez mais mulheres têm recorrido ao congelamento de óvulos como uma forma de assegurar a possibilidade de engravidar no futuro, permitindo que organizem suas vidas conforme suas prioridades pessoais e profissionais. Essa prática vem ganhando popularidade no Brasil, especialmente entre aquelas que optam por adiar a maternidade para alcançar estabilidade financeira ou focar no desenvolvimento de suas carreiras.

Um levantamento recente do Grupo Huntington apontou um crescimento de 71,4% no número de mulheres que realizaram o procedimento de congelamento de óvulos entre julho e setembro de 2023. Esse aumento reflete uma mudança significativa na maneira como a maternidade e a fertilidade são encaradas, com mais mulheres valorizando a preservação da capacidade reprodutiva para momentos em que se sintam mais preparadas para a experiência de ser mãe.



Teste de gravidez positivo  
Foto: [Tima Miroshnichenko](#)

Outro aspecto relevante é o aumento do número de mães que enfrentam múltiplas gestações. Embora dados específicos sobre quantas mulheres tentam engravidar várias vezes não sejam amplamente divulgados, é comum que muitas enfrentem dificuldades ao longo do caminho. Isso pode incluir tentativas frustradas de gravidez ou desafios relacionados à saúde reprodutiva.

Em meio a essas mudanças, as mulheres que desejam ser mães continuam buscando alternativas e recursos para realizar esse sonho. A maternidade, embora menos desejada em termos gerais, ainda representa um objetivo importante para muitas, que persistem na busca por uma família e na construção de laços afetivos significativos.

Esses dados revelam não apenas as estatísticas sobre maternidade no Brasil, mas também as histórias e desafios enfrentados por milhões de mulheres que se tornam mães em um contexto social e econômico em constante evolução.

## **Maternar: construção e desafios**

Historicamente, a maternidade foi vista como uma condição natural e inevitável para as mulheres, um instinto que todas supostamente possuíam. Alguns autores como a filósofa francesa Elizabeth Badinter, conhecida por suas polêmicas no movimento feminista, questionam em suas obras essa visão, argumentando que o instinto materno, muitas vezes considerado inato, é na verdade uma construção social.

Essa ideia de que ser mãe é algo construído nos indivíduos enquanto sociedade também é considerada pela socióloga e professora curitibana Eliane Basilio, que também é Mestra em Educação. A professora diz que “o ideal de maternidade é uma construção social. É aquilo que se espera da maternidade, o que se espera das mulheres em relação a ela”. Para Eliane, essa expectativa é moldada por elementos culturais profundos que variam conforme as condições sociais das mulheres:

0:00 / 0:57



Imagem de Maria, mãe de Jesus, considerada ideal materno pela Igreja Católica.  
Foto: [Juan Carlos Leva](#)

Historicamente, a cultura brasileira foi fortemente influenciada por ideais religiosos, especialmente católicos e de outras religiões cristãs, e por um pensamento que estabeleceu a visão da mulher como a principal responsável pela educação moral e física dos filhos. Sobre esse ponto, Basilio destaca:

0:00 / 0:49

A socióloga esclarece que essa idealização não se aplicava a todas as mulheres. As mães negras, por exemplo, enfrentaram uma realidade distinta. Durante o período escravocrata e mesmo após a abolição, muitas eram privadas do direito de exercer a maternidade plenamente, dedicando-se ao cuidado dos filhos das mulheres brancas como amas de leite. Basilio explica: “Isso exemplifica como a maternidade para mulheres negras era atravessada pela exploração e negação de direitos. Mesmo após a abolição, essas mulheres continuaram a trabalhar em condições precárias, perpetuando um ideal burguês de maternidade que não contemplava suas realidades.”

**“A função feminina era exclusivamente ligada à maternidade e ao espaço doméstico, enquanto o espaço público era reservado aos homens. A mulher branca e burguesa se tornava a ‘rainha do lar’, responsável por**

## preparar seus filhos para se tornarem cidadãos exemplares”, explica Basílio.

Na atualidade, essa “negação de direitos” ainda perpetuada, mesmo muitos anos após o fim oficial da escravidão. Uma pesquisa realizada pela iO Diversidade e Instituto Locomotiva revelou que 25% das mães negras trabalhadoras já receberam salários inferiores aos de colegas não negras em funções equivalentes. Em comparação, esse número é de 16% entre mães não negras. Além disso, 30% das mães negras relataram ter sofrido discriminação racial no ambiente de trabalho, em contraste com 8% das mães não negras.

Eliane Basilio também explica que essa negação do exercício da maternidade para mulheres negras também se estende a população mais pobre. Essa pressão é ainda exacerbada pela falta de acesso a serviços essenciais para o pleno exercício da maternidade:

0:00 / 0:21

Essa disparidade entre o ideal de maternidade e a realidade vivida por muitas mulheres evidencia como os desafios de maternar são profundamente marcados por desigualdades sociais e raciais. O modelo idealizado de mãe – amorosa, presente e inteiramente dedicada à criação dos filhos – ignora as condições materiais e emocionais de mulheres que, frequentemente, precisam equilibrar múltiplas responsabilidades sem o suporte adequado.



Filme “Que horas ela volta?” em que a personagem principal abdica dos cuidados da filha para cuidar do filho dos patrões.

Foto: Divulgação Globo Filmes

Outro ponto destacado por especialistas é o impacto do trabalho invisível e não remunerado associado à maternidade. O relatório “The Global Gender Gap Report” do Fórum Econômico Mundial de 2023 revelou que, no Brasil, no aspecto do trabalho não remunerado, as mulheres brasileiras dedicam, em média, 11,61% do seu tempo ao trabalho doméstico e ao cuidado de terceiros, enquanto os homens dedicam apenas 5,13%.

Além disso, o relatório também apontou que cerca de **39,2% das mulheres brasileiras trabalham no setor informal**, muitas vezes sem acesso a benefícios trabalhistas essenciais, o que agrava a

precariedade enfrentada por mães em situações vulneráveis. Mulheres nessas condições têm mais dificuldades para acessar direitos básicos, como a licença-maternidade, na hora de exercer o “ser mãe”. Para mães solo, a carga é ainda mais intensa – elas precisam assumir integralmente a responsabilidade financeira e emocional da família, frequentemente sem a rede de apoio necessária.

Neste contexto complexo e multifacetado, a maternidade no Brasil é marcada por uma série de desigualdades que se entrelaçam com questões de raça, classe e gênero. Embora a sociedade tenha avançado em diversos aspectos, os desafios enfrentados por mães de diferentes perfis continuam a refletir as estruturas sociais existentes.

## Políticas públicas

O governo brasileiro tem se esforçado para criar e aprimorar políticas públicas voltadas para a maternidade nos últimos anos. Um dos atos recentes é o **Programa Mães do Brasil**, instituído pelo Decreto nº 10.987 em março de 2022. Este programa visa promover a proteção integral das mulheres durante a gestação e a maternidade, garantindo direitos fundamentais como saúde, educação e apoio ao desenvolvimento infantil.

De acordo com o Governo Federal, entre os objetivos do programa estão o fomento à integração de políticas públicas; a reinserção no mercado de trabalho; e a criação de redes de apoio. Projetos como o **Mães Unidas** vem para ajudar nessa questão com o estabelecimento de rede de apoio entre mães.



Foto: Divulgação Governo Federal

Mesmo com esses avanços, muitos desafios ainda persistem. Um aspecto crítico das políticas públicas para mulheres na área é a licença-maternidade. No Brasil, a legislação garante um período de 120 dias de licença para as trabalhadoras que dão à luz. Essa licença é fundamental para permitir que as mães se recuperem do parto e cuidem de seus recém-nascidos sem perder seus empregos. No entanto, muitas mulheres ainda enfrentam dificuldades para acessar esse direito devido à informalidade no mercado de trabalho ou à falta

de informação sobre os procedimentos necessários para solicitar a licença.

Iniciativas como o **Bolsa Família** têm sido fundamentais para apoiar famílias em situação de vulnerabilidade. Com um valor mínimo garantido por família e adicionais para crianças de até seis anos, esse programa ajuda muitas mães a garantir uma alimentação adequada e outras necessidades básicas para seus filhos. Desde março de 2023, o programa reestipulou o valor mínimo de R\$ 600 por família e acréscimo de R\$ 150 por criança de até seis anos na composição familiar, para necessidades específicas da primeira infância.

O programa de transferência de renda passou a pagar, a partir de junho do mesmo ano, um adicional de R\$ 50 por criança ou adolescente (de sete a 18 anos) e por gestante. Segundo dados do próprio Governo Federal, 81% dos lares beneficiados têm a mulher como responsável pela família.

Apesar disso, conforme destaca a socióloga Eliane Basílio, as políticas públicas ainda apresentam limitações significativas no enfrentamento das desigualdades estruturais que afetam a maternidade. Basílio ressalta que a ausência de infraestrutura adequada, como creches acessíveis, prejudica diretamente a capacidade das mulheres de trabalhar ou estudar, perpetuando ciclos de exclusão e precarização:

0:00 / 1:19

Para Basílio, essas barreiras culturais e institucionais perpetuam a desigualdade de gênero e mantêm as mulheres em posições de desvantagem, reforçando um ideal de maternidade que está distante da realidade da maioria das brasileiras. Ela enfatiza a necessidade de reformular as políticas públicas para que sejam mais abrangentes e eficazes:

**“É necessário que as políticas públicas sejam repensadas para incluir um olhar interseccional e oferecer uma rede de suporte robusta, com foco em igualdade de gênero dentro e fora do espaço doméstico.”**

Nesse cenário, em que as políticas públicas ainda não atendem plenamente às demandas das mães, o papel da sociedade civil ganha destaque na promoção de seus direitos. Organizações não governamentais (ONGs) têm atuado de forma significativa ao oferecer suporte às mães em situações de vulnerabilidade, criando redes de solidariedade e promovendo campanhas educativas sobre os direitos maternos. Essas iniciativas complementam os esforços governamentais, oferecendo apoio emocional e prático às mães que enfrentam os desafios diários de conciliar maternidade, trabalho e educação.

*Acompanhe as histórias de sete mulheres que compartilham vivências distintas sobre a maternidade, revelando como suas experiências são moldadas por fatores sociais, econômicos e culturais, além dos fatores emocionais que marcam suas trajetórias.*

**Confira os relatos**

## **Relatos**

Por July Ana Mendes, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná

Início

Relatos

# Relatos



Maternar, verbo no singular



A maternidade e o trabalho



A jornada rumo à maternidade



Mãe mesmo sem gestar



Eu não quero ser mãe...

Relatos

Por July Ana Mendes, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná



# Maternar, verbo no singular

Escrito por [jullyanapm](#) em [Relatos](#)

## Cris

Em condições ideais, a adolescência já é por si só um momento complexo –, os hormônios à flor da pele e as transformações físicas e emocionais que marcam essa fase de transição da infância para a vida adulta mexem com todos que vivem essa etapa. E como para muitas brasileiras adolescentes, soma-se ainda o desamparo econômico, social e uma gestação precoce, as turbulências desse período acabam sendo ainda mais potencializadas.

Cristiane Leiria tem 40 anos e atualmente trabalha como empregada. Desde a infância, passou por desafios como extrema pobreza, falta de acesso a saneamento básico, energia elétrica, além de ter enfrentado violência doméstica:

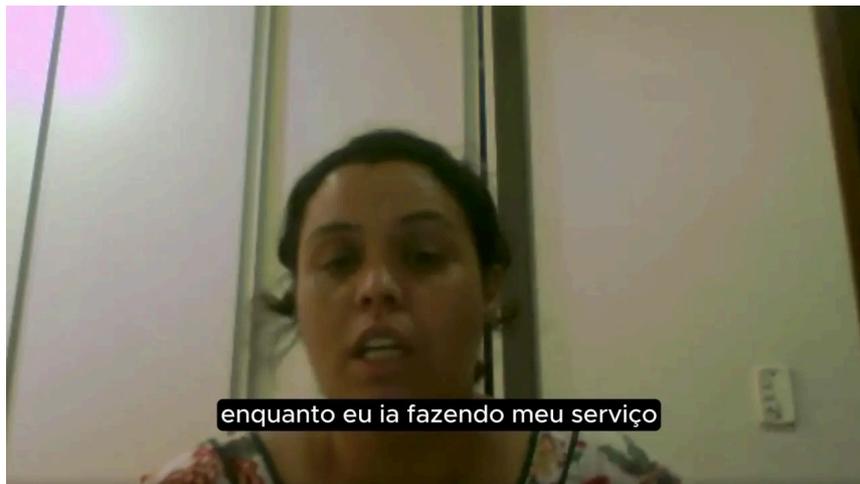
**“A vida foi muito difícil, mas me tornou resiliente. Quando eu era criança, ajudava minha mãe, lavadeira, cuidando dos meus irmãos enquanto ela trabalhava. A sobrevivência sempre falou mais alto, o que me impediu de estudar. Tinha que escolher entre ir à escola e passar fome ou trabalhar para comer”, conta.**

Aos 14 anos, Cris, como é conhecida pelos amigos próximos, começou a fazer trabalhos informais, como jardinagem e limpeza. O que já era desafiador foi elevado a outro patamar aos seus quinze anos com uma gravidez inesperada.

“Antes de engravidar, eu ficava na casa da minha mãe, ajudando como podia. Quando eu tinha 14 anos, comecei a fazer trabalhos informais, como jardinagem e limpeza. Eu batia nas casas, perguntava se queriam que eu lavasse a calçada ou as janelas. Um dia, arrumei um trabalho na frente do mercado onde o pai do meu filho mais velho trabalhava. Conheci ele lá, me apaixonei; era minha primeira paixão adolescente. Nos envolvemos e acabei engravidando. Na época, ele não sabia que eu estava grávida e foi transferido para outra cidade”, conta.

A jovem então deu à luz ao seu primeiro filho Ariel, hoje com 25 anos, e se viu desamparada financeiramente e socialmente. Por conta da pouca idade, não arranjava empregos formais. Para conseguir dinheiro para seu sustento e do filho, Cris passou a fazer trabalhos

de capinagem. Enquanto isso, seu filho ficava em uma bacia ao seu lado.



Imagens: Google Meets

Quando estava empregada em uma casa de família, ela teve mais dois filhos: Michael, 20 anos, e Maria Valentina, 8 anos. Apesar de estar em condições melhores em relação ao nascimento do primeiro filho, os desafios ainda se fizeram presentes também na primeira infância da sua caçula, com dificuldades para conseguir uma creche.

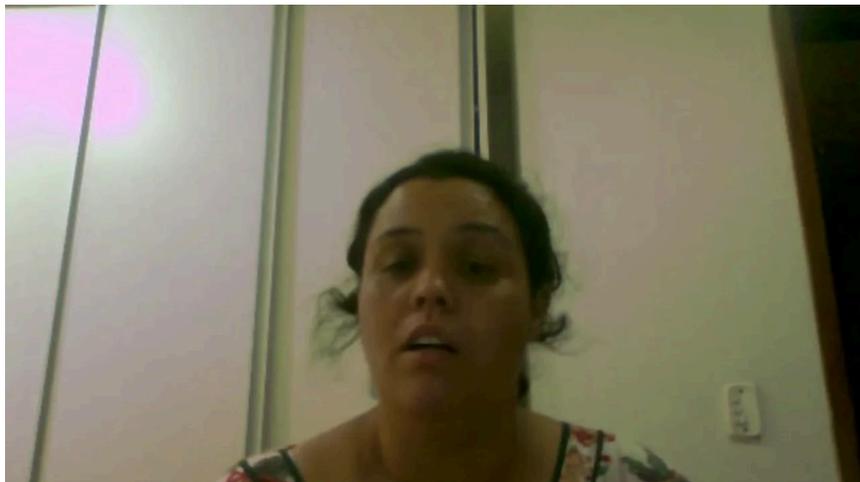


Cris e sua filha caçula Maria Valentina. Foto: Arquivo Pessoal

“Eu sofri muito quando a Maria era pequena. Ela ficava com a minha mãe porque levou tempo para eu conseguir uma vaga na creche. Nunca tive ajuda do governo, nunca fui aprovada para o Bolsa Família ou algo do tipo. Isso me obrigava a trabalhar de domingo a domingo, pois minha renda não era suficiente para sustentar minha família trabalhando apenas no horário normal”, relata.

Para Cris, além dos processos burocráticos, os julgamentos que ela enfrentava ao solicitar ajuda de programas sociais eram

grandes impeditivos:



Imagens: Google Meets

Para a socióloga Eliane Basílio, a falta de amparo governamental é mais comum do que se imagina: “Essas mulheres deixam os filhos sob os cuidados de vizinhas, familiares ou sozinhas em casa, porque o Estado não oferece infraestrutura suficiente [...] .As mulheres pobres, precarizadas, têm acesso limitado a salários mais altos e serviços básicos, o que faz com que também dependam de redes de apoio feminino, como vizinhas ou familiares. Sempre são as mulheres que organizam essa rede de cuidados”, explica.

### **Caroline**

Em uma realidade diferente daquela de Cris, a coordenadora de comunicação Caroline Meira, 34 anos, também enfrentou uma série de desafios na hora de criar sua filha Sofia, 15 anos. Atualmente, a comunicóloga vive em Curitiba (PR), onde construiu uma relação de proximidade e cumplicidade com a filha, após anos de adaptação a uma realidade que começou de forma inesperada.

Caroline tornou-se mãe aos 19 anos, enquanto cursava o segundo ano da graduação em jornalismo em Cascavel (PR), sua cidade natal. A gravidez precoce trouxe não só mudanças abruptas à sua vida, mas também um profundo isolamento. “Foi uma jornada extremamente solitária. Eu tive depressão profunda durante a gestação e, mesmo com o apoio incrível dos meus pais, era difícil lidar com a falta de acolhimento em vários espaços, inclusive no meio acadêmico e entre amigos”, relembra.

Determinada, ela concluiu a graduação com o incentivo da família e, após formada, mudou-se para Curitiba em busca de melhores oportunidades. Sofia, na época pequena, ficou com os avós até que Caroline pudesse se estabelecer. Esse período foi de altos e baixos: “Trazer minha filha para morar comigo foi uma decisão que exigiu equilíbrio emocional e financeiro. Por vezes, ela voltou para Cascavel, mas desde 2017 estamos juntas de forma contínua, construindo um vínculo forte e cheio de afeto.”



Estante de Caroline com fotos dela e da filha.  
Foto: Arquivo Pessoal

A chegada da pandemia em 2020 trouxe novos desafios. Conciliar trabalho remoto, tarefas domésticas e o apoio emocional a Sofia, que estava entrando na pré-adolescência, foi exaustivo. “Foi um período caótico. Minha filha não podia interagir com outras crianças, e o peso emocional caiu inteiramente sobre mim, como mãe solo”, conta.

Sem uma rede de apoio extensa em Curitiba, Caroline precisou encontrar forças para ser o alicerce emocional de Sofia, enquanto lidava com suas próprias angústias. Apesar disso, o período intensificou o vínculo entre as duas. “Fomos forçadas a amadurecer juntas. Hoje, vejo como isso nos uniu ainda mais.”

Caroline é crítica ao modo como a sociedade encara a maternidade, especialmente no contexto de mulheres jovens. Ela aponta a falta de acolhimento e o julgamento como barreiras adicionais que as mães enfrentam. “A maternidade já é uma experiência solitária. Quando você é jovem, as críticas são ainda mais pesadas. Escutei muito: ‘Por que não se cuidou?’ ou ‘A maternidade é compulsória’. Isso magoa profundamente.” Para ela, essa falta de compreensão e apoio torna a maternidade, além de tudo, solitária:



Imagens: Google Meets

A experiência de Caroline reflete um sentimento compartilhado por muitas mães: a solidão que permeia o maternar. Segundo a psicóloga Carolina Paulino, essa solidão não é apenas emocional, mas estrutural, fruto de uma sociedade que delega quase exclusivamente às mulheres a criação dos filhos, muitas vezes sem

apoio financeiro, social ou psicológico. Para ela, a solidão materna pode ser cruel:

0:00 / 1:25

Maternar, especialmente em contextos de vulnerabilidade, carrega consigo uma sobrecarga emocional e prática que transcende classes sociais. Enquanto Cris lida com a luta diária pela sobrevivência e pela superação de barreiras estruturais, Caroline enfrenta os desafios de conciliar carreira e maternidade sem uma rede de apoio robusta. Apesar de suas histórias pertencerem a realidades diferentes, ambas compartilham a experiência de uma maternidade marcada pela solidão e pela ausência de suporte. Essa vivência comum evidencia como a responsabilidade do cuidado é muitas vezes individualizada, recaindo sobre as mulheres de forma desigual, independentemente de suas condições socioeconômicas.

É nesse contexto que políticas públicas se tornam essenciais para melhorar a qualidade de vida dessas mulheres. O acesso a creches, educação e saúde de qualidade é fundamental para aliviar a carga dessas mães. Sobre o assunto, Caroline se posiciona favorável a essas medidas:



Imagens: Google Meets

Atualmente no Brasil, mães trabalhadoras contam com um conjunto de direitos e benefícios que visam assegurar sua qualidade de vida e a de seus filhos. Entre as principais medidas estão:

- **Salário-maternidade:** Benefício financeiro disponível para gestantes, mães adotivas e, em alguns casos, pais. Em que valor varia entre o salário mínimo (R\$ 1.412) e o teto do INSS (R\$ 7.786,02).
- **Licença-maternidade:** Permite afastamento remunerado de até 120 dias, prorrogáveis para 180 em algumas empresas além de garantir a estabilidade no emprego desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto.
- **Auxílio-creche:** Auxílio concedido por empresas com mais de 30 funcionárias acima de 16 anos. Essa ajuda pode ser financeira ou com a oferta de espaços apropriados para cuidados infantis que ajudem as mães a conciliar carreira e maternidade.

- **Liberação para amamentação e cuidados:** As mães têm direito a dois intervalos de 30 minutos por dia para amamentação até os seis meses do bebê, além de dispensas para consultas médicas na gestação e uma falta anual justificada para acompanhamento médico do filho.
- **Bolsa família:** Programa de transferência de renda que beneficia famílias em situação de pobreza com auxílio de R\$ 600 por família, com acréscimo de R\$150 para cada criança de até seis anos.

Mas, apesar desses avanços, ainda existe uma fragilidade na hora de implementar na prática essas políticas, como se pode observar com o relato de Cristiane Leiria. E essa não é uma exclusividade dela. Segundo dados divulgados pela CNN, mais de 632 mil crianças brasileiras estão na fila por uma vaga em creches, e 2,3 milhões de crianças de até três anos não frequentam essas instituições devido à falta de acesso.

**“Não é possível ser mãe sozinha no mundo de hoje – na verdade, nunca foi”**

Tanto a socióloga Eliane Basílio quanto a psicóloga Carol Paulino ressaltam a relevância de ações concretas voltadas à proteção e ao suporte das mães, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade. Basílio enfatiza que o fortalecimento de políticas públicas para mães solo é uma necessidade urgente, considerando que a ausência de apoio adequado torna o ato de maternar ainda mais desafiador:

“É necessário criar redes de apoio que envolvam políticas públicas, mudanças educacionais e transformações nas empresas. Precisamos de igualdade de gênero dentro de casa e nas instituições [...] Um exemplo recente de conquista foi o direito à licença-maternidade para bolsistas de mestrado e doutorado, algo que foi alcançado após muita luta. Ainda assim, os desafios e o preconceito contra mães solo permanecem enormes, embora estejamos começando a ver algumas mudanças na sociedade.”

Já Paulino reforça a importância de redes de apoio e ações comunitárias que possam amenizar o impacto da solidão materna e oferecer suporte emocional e prático às mães:

0:00 / 0:35

As duas especialistas convergem em um ponto crucial: políticas públicas abrangentes, como a ampliação do acesso a creches e a criação de programas de capacitação profissional, são fundamentais para melhorar as condições de vida dessas mães. Além disso, essas medidas têm um impacto positivo direto no desenvolvimento infantil e contribuem para a promoção da equidade de gênero. Afinal, como pontua a psicóloga, “não é possível ser mãe sozinha no mundo de hoje – na verdade, nunca foi.”

« [A maternidade e o trabalho](#)

## Relatos

Por July Ana Mendes, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná

# A maternidade e o trabalho

Escrito por [jullyanapm](#) em [Relatos](#)

No complexo tecido da vida moderna é natural que, em algum momento, a maternidade e a carreira profissional se entrelacem, desafiando mães a encontrar um equilíbrio delicado entre suas responsabilidades no papel parental e suas aspirações no mundo dos negócios. O caminho para conciliar esses dois papéis nem sempre é fácil, e é marcado por uma gama de emoções, como medo e angústia, enquanto mulheres enfrentam obstáculos e tomam decisões que moldam seu futuro e o de suas famílias.

Em muitos casos, o medo é uma emoção primordial que as mulheres enfrentam ao navegar pelo ambiente corporativo enquanto são mães. E essa reação não é descabida. Segundo a pesquisa [“The Labor Market Consequences of Maternity Leave Policies: Evidence from Brazil”](#) (em tradução livre: [“As Consequências no Mercado de Trabalho das Políticas de Licença Maternidade: Evidências do Brasil”](#)), de Cecília Machado e Valdemar Pinho Neto, mostra que, no Brasil, após 24 meses, quase metade das mulheres que usufruem da licença-maternidade não estão mais empregadas, e esse cenário persiste mesmo após 47 meses desde a licença. A situação se torna ainda mais complexa para aquelas que não seguem os rumos “tradicionais” do mercado.

**Ketlyn**



Ketlyn e seus dois filhos Enzo e Lara.

Foto: Arquivo Pessoal

Ketlyn Souza engravidou aos 17 anos, enquanto cursava o terceiro ano do ensino médio e trabalhava como estagiária na prefeitura local. A descoberta veio como um choque, em meio a uma epidemia de dengue que assolava Paranaguá, cidade do litoral do Paraná, onde morava. A jovem precisou lidar não só com as mudanças em sua vida pessoal, mas também com o medo das possíveis complicações que a doença poderia causar ao bebê. “Fiquei com muito medo porque, na época, surgiram informações de que a dengue causava microcefalia ou hidrocefalia. Preferi não trabalhar enquanto estava gestante”, relembra.

Sem o apoio de uma rede robusta de cuidados, Ketlyn deixou os estudos e concentrou-se exclusivamente na gestação. Após o nascimento de Enzo em 2016, hoje com oito anos, sua rotina girou em torno do filho e de estratégias para retomar a vida profissional.

Determinada a concluir ciclo básico de educação, a jovem encontrou no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) uma oportunidade. Em meio à rotina exaustiva com o filho e o trabalho, conseguiu eliminar todas as disciplinas necessárias para a certificação. “Foi um milagre”, brinca.

Seu retorno ao mercado de trabalho veio quando Enzo tinha um ano e meio, ao conseguir uma vaga para a criança na creche municipal, após muito esforço. Ketlyn conciliou estágios com a maternidade, mas relata que não foi fácil: “Foi muito cansativo. Você se sente culpada, sabe? O filho precisa de você, aí a creche liga: ‘Mãezinha, ele está com febre.’ E você pensa: ‘Se eu tivesse uma vida mais tranquila, não colocaria ele tão cedo na creche.’”

Essa culpa materna era agravada pela falta de compreensão no ambiente profissional. Cada vez que seu filho adoecia e ela precisava se ausentar, a tensão no trabalho aumentava. Ketlyn sentia na pele o peso de expectativas conflitantes, comuns a tantas mulheres que assumem o papel principal no cuidado familiar enquanto tentam progredir na carreira.

Imagens: Google Meets

A socióloga Eliane Basílio explica que essa sobrecarga tem raízes profundas nas construções sociais de gênero. “O trabalho do cuidado é invisível na nossa sociedade. Não é visto como trabalho, mas como uma relação de amor, não como algo que exige esforço e dedicação. Na prática, essa cobrança recai quase exclusivamente sobre as mulheres, enquanto os homens são isentados”, destaca.

Essa realidade perpetua um ciclo no qual mulheres enfrentam barreiras adicionais no mercado de trabalho, sendo frequentemente preteridas em processos seletivos por conta da percepção de que suas responsabilidades familiares podem interferir na produtividade:

0:00 / 1:16

***“O trabalho do cuidado é invisível na nossa sociedade”***

Apesar de avanços graduais na redistribuição dessas responsabilidades, a transformação ainda é lenta e desigual. Alguns anos se passaram e Ketlyn deu à luz a Lara, 3 anos. Para ela, equilibrar trabalho, cuidar de dois filhos pequenos e enfrentar as pressões sociais é um desafio constante. Esse cenário não apenas dificultou sua rotina, mas também interferiu a

forma como ela se percebe enquanto mulher, tornando ainda mais raras as oportunidades para ela se olhar enquanto indivíduo:

Sua trajetória reflete não só os desafios de milhares de mães trabalhadoras, mas também a necessidade de uma transformação mais ampla na forma como a sociedade encara o papel das mulheres no trabalho e na família.

## **Carol**

A gestação também foi motivo de preocupação para a empresária e sócia da agência de publicidade SoWhat, Carol Swinka, 41 anos. Apesar de sempre ter desejado ser mãe, com um período de tentativas sem sucesso e dúvidas sobre sua fertilidade, a gravidez veio como uma surpresa, em um momento crucial de sua carreira. Ela estava se dedicando à criação da agência SoWhat, um projeto até então embrionário. Mesmo assim, o maior desafio não era a criação desse projeto, mas sim comunicar sua gravidez em um ambiente corporativo dominado por homens:

Imagens: Google Meets

Essa reflexão de Swinka evidencia não apenas a pressão profissional enfrentada pelas mulheres, mas também a ambiguidade emocional que muitas vezes acompanha a descoberta da gravidez, especialmente em momentos cruciais da carreira. A decisão de dar um passo em direção à maternidade pode ser obscurecida pelas preocupações com o impacto na trajetória profissional, criando um fardo adicional para mulheres que já enfrentam uma série de desafios no ambiente de trabalho.

Para a psicóloga Carol Paulino, esse medo que Carol e muitas outras mulheres sentem ao descobrir a gravidez, está relacionado ao histórico violento e discriminatório em relação a mulheres que são mães no ambiente de trabalho:

“Essa percepção ressoa profundamente para a mulher, que percebe as punições que, muitas vezes, são veladas. Ainda que a demissão direta não seja sempre corriqueira, as micro agressões e formas sutis de exclusão no ambiente de trabalho têm um grande impacto emocional. Essas atitudes expõem uma fragilidade e vulnerabilidade que até então poderiam não ser visíveis, criando uma violência simbólica que afeta profundamente o bem-estar psicológico dessas mulheres. Isso pode, inclusive, prejudicar a forma como elas enxergam sua gravidez.”

Um ponto também crucial para as mães inseridas no mundo profissional é encontrar o equilíbrio entre suas carreiras e o cuidado com os filhos. A

empresária compartilhou sua jornada, revelando que agora compreende sua rotina e a organiza de forma a reservar momentos exclusivos para seu filho Matheus, de 8 anos.

“Esse é o maior desafio, é esse equilíbrio de como fazer o seu papel de mãe, o seu papel de empresária, o seu papel de liderança. Eu tomei algumas atitudes na minha vida, mudanças drásticas. O tempo que eu estou com o Matheus, eu estou 100% dedicada a ele. [...] Eu vou costurando minha agenda para que eu seja presente, e nos finais de semana eu me dedico 100% a ele. Daí eu fico sem o celular e sem o trabalho. Eu tenho um tempo menor, mas eu tenho um tempo de qualidade com meu filho”, relata Carol Swinka.



Matheus acompanhando Carol no final de sua primeira maratona.

Foto: Arquivo Pessoal

Apesar dos medos e incertezas, a empresária destaca a importância de criar um ambiente de trabalho inclusivo e seguro para mulheres grávidas e mães. Ela ressalta a necessidade de uma mudança de mentalidade no mundo corporativo, para que a maternidade não seja vista como um obstáculo, mas sim como uma parte natural da vida das mulheres. Ao

compartilhar suas experiências e desafios, Carol busca inspirar outras mulheres a se sentirem confortáveis em enfrentar esses dilemas e a buscar apoio em suas jornadas profissionais e maternas.

“Eu sabia que eu estava com pessoas boas ali do lado, que me ajudavam, e mesmo assim tive esse medo. Imagina quem tem lideranças que não aceitam isso. [...] Então acho que se a gente conseguisse daqui a alguns anos mudar 100% essa visão e libertar as mulheres desse medo para curtir o momento da gravidez seria incrível. E eu tento construir diariamente isso, não é fácil, é tijolinho por tijolinho. Mas estou tentando fazer da SoWhat esse ambiente que seja mais leve e onde as mulheres se sintam melhor”, manifesta.

Paulino reforça a construção de um ambiente de trabalho que seja receptivo de forma que mães não se sintam desamparadas nesse momento que deveria ser especial:

0:00 / 0:49

« [A jornada rumo à maternidade](#)

[Maternar, verbo no singular](#) »

## Relatos

Por July Ana Mendes, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná

# A jornada rumo à maternidade

Escrito por [jullyanapm](#) em [Relatos](#)

Todos sabem que a jornada de criar um filho não é fácil, mas como é o processo até a criança nascer? Para algumas mulheres, o caminho para a maternidade é marcado por dor, luto e resiliência. São as mães que enfrentaram múltiplas perdas antes de finalmente conseguirem ter um filho.

No silêncio das consultas médicas e nos corredores dos hospitais, histórias de esperança e desespero se entrelaçam. As perdas gestacionais são uma complicação comum que afeta muitas mulheres ao redor do mundo, representando cerca de 15% das gestações diagnosticadas, principalmente nas primeiras 13 semanas. As causas são variadas, envolvendo fatores genéticos, como anormalidades cromossômicas, e não genéticos, incluindo idade materna avançada, doenças autoimunes, infecções, obesidade, tabagismo e alterações uterinas.

Os tratamentos podem variar conforme a gravidade e incluem condutas expectantes, uso de medicamentos, intervenções cirúrgicas como curetagem e, em casos específicos, o manejo de condições subjacentes. Essa variedade de procedimentos existe pois são muito variados os casos. Dados globais apontam que uma em cada dez mulheres enfrentará pelo menos um aborto espontâneo durante a vida reprodutiva, e cerca de 23 milhões de gestações terminam em aborto a cada ano.

## Vanessa



Família reunida após o parto. Foto: Arquivo Pessoal

Em meio a esses números expressivos encontra-se Vanessa Taborda, 41 anos. há 20 anos, ela e o marido tinham a ideia de ter filhos após quatro anos de vida em comum. Assim que pararam de usar contraceptivos, Vanessa engravidou rapidamente, mas infelizmente perdeu o bebê com 11 semanas de gestação. Esse choque emocional a abalou tão profundamente que foram necessários quase dois anos para se restabelecer:

“Foi um choque para mim. Passei quase dois anos tentando me restabelecer, meu estado psicológico ficou bastante abalado. Depois, engravidei pela segunda vez. No início, estava tudo bem, embora fosse considerada uma gravidez de risco. Continuei levando uma vida normal, sem contar para muitas pessoas para evitar ansiedade e especulação. Infelizmente, perdi outro bebê com nove semanas”, relata.



Imagens: Google Meets

Decidida a descobrir a causa dos insucessos gestacionais, ela visitou vários especialistas em reprodução humana, assim como fazem muitas mulheres na mesma situação. Após a realização de alguns exames, ela descobriu que tinha trombofilia, uma condição que aumenta o risco de coagulação sanguínea. Essa descoberta a ajudou a entender o motivo das perdas no primeiro trimestre.

“A descoberta foi um alívio e um peso ao mesmo tempo”, explica. “Eu sabia o que estava acontecendo, mas o tratamento era complexo e caro.”

Vanessa precisaria de injeções diárias de anticoagulante desde o início da gestação até 40 dias após o parto. No entanto, o custo inicial das medicações foi um grande desafio. “Nos primeiros 30 dias, antes de conseguir a liberação pelo plano de saúde, paguei cerca de 1.400 reais do meu bolso. Cada injeção custava 40 reais. Foi um gasto alto, mas eu estava determinada a continuar”, relembra.

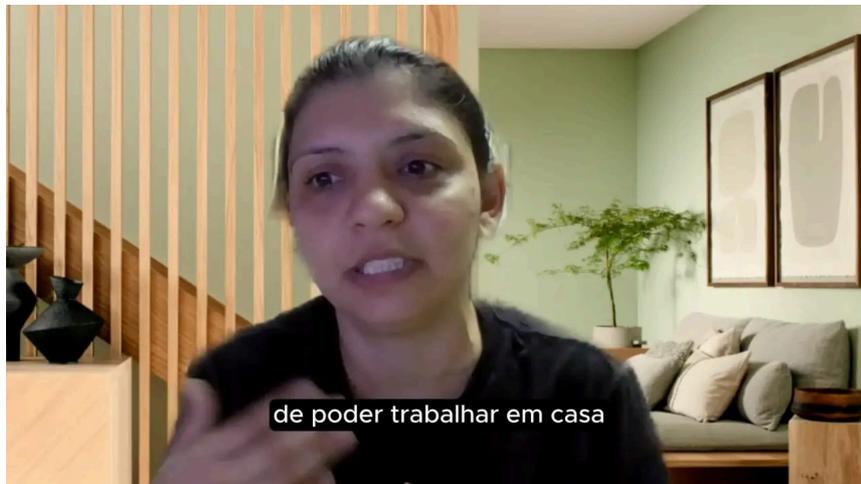
Com o tempo, Vanessa encontrou programas que ajudaram a reduzir o custo e conseguiu a cobertura pelo plano de saúde. “Quando finalmente recebi a ligação confirmando a entrega das medicações para 90 dias, senti um alívio enorme. Era uma vitória depois de tantas dificuldades.”

“Meu marido fazia as aplicações na barriga todos os dias, a cada 24 horas, até o pós-parto. Durante a gestação, o anticoagulante ajudava a garantir que o bebê se desenvolvesse normalmente, evitando a coagulação que pudesse impedir a nutrição pelo sangue. No pós-parto, continuei tomando para evitar a coagulação no meu corpo”, conta.

O parto de Clara não foi fácil. Vanessa enfrentou uma hemorragia devido ao rompimento de uma artéria uterina, o que exigiu uma recuperação ainda mais cuidadosa. Apesar das dificuldades, a emoção de segurar a filha nos braços pela primeira vez superou qualquer dor.

***“Foi um misto de alívio e amor. Depois de tantas perdas, finalmente tinha minha filha comigo”, lembra.***

Apesar dos riscos enfrentados, Vanessa se dedicou a aproveitar intensamente cada momento na intimidade que o momento requeria:



Imagens: Google Meets

« [Mãe mesmo sem gestar](#)

[A maternidade e o trabalho](#) »

## Relatos

Por July Ana Mendes, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná

# Mãe mesmo sem gestar

Escrito por [jullyanapm](#) em [Relatos](#)

## Sandra

A maternidade pode ser alcançada de diversas formas, e nem sempre envolve uma gravidez. Por inúmeros motivos, muitas mulheres optam pela adoção e essa temática por si só traz consigo uma tapeçaria de emoções e desafios. A história de Sandra Duarte, 63 anos, e sua filha adotiva, Ariadna Duarte, 25 anos, também chamada carinhosamente de Lilia ou Lica, é um exemplo que traz toda essa complexidade.

Sandra conheceu Ariadna quando a mãe biológica da menina trabalhava em sua casa. Desde o primeiro encontro, ela sentiu uma conexão especial. “Foi amor à primeira vista”, diz. A garota, que na época tinha apenas três meses, começou a viver com a família quando sua mãe precisou de ajuda:



Sandra com Ariadna criança no colo  
Fonte: Arquivo pessoal

“A adoção da Lica foi uma coisa que aconteceu por causa dela. Nós não tínhamos esse interesse em adotar antes dela nascer. Por ela ter vindo para nossa casa, acabamos criando esse vínculo. Ela cresceu junto com os meninos, como filha”, relata.

Essa jornada não foi isenta de desafios. A insegurança em relação à guarda da filha foi uma constante. “Viver com esse medo era difícil”, confessa. A mãe biológica de Ariadna teve outro filho e, em um momento de incerteza, retirou a criança do lar adotivo. A família, que ainda não tinha a guarda legal, enfrentou um período angustiante, repleto de incertezas sobre o futuro da menina.

Após um processo que envolveu a busca de orientação legal, Sandra conseguiu a guarda de Ariadna quando ela tinha três anos. No entanto, a formalização da adoção só ocorreu mais tarde, quando a jovem já tinha idade suficiente para compreender a situação. “Foi uma trajetória difícil, não por ela, mas pela insegurança”, explica.



Família completa: Sandra, seu marido, filhos, noras e netos. Foto: Arquivo Pessoal

Ela também destaca a importância do acompanhamento psicológico durante o processo de adoção. A família, durante todo o processo, teve acompanhamento de uma psicóloga:

“Além de Ariadna fazer terapia, a psicóloga também passou a nos orientar também. Quando ela começou, a terapeuta disse que a criança precisa ter um porto seguro, um lugar físico e uma pessoa, seja pai, mãe ou outra pessoa, a quem ela sabia que poderia recorrer e ter segurança. Isso foi um aprendizado muito grande”, conta.

Hoje, Sandra se emociona pela trajetória de sua filha e por ver a grande profissional que se tornou. Inspirada pelos irmãos mais velhos, todos dentistas, Ariadna seguiu carreira na Odontologia, enchendo de orgulho seus pais:



Imagens: Google Meets

Histórias como essa são testemunhos de amor, coragem e transformação. Elas mostram que a maternidade vai além da biologia e que o amor pode nascer de diferentes formas. Em relação a isso, Sandra conclui:



Imagens: Google Meets

### O processo de adoção no Brasil hoje

O Brasil possui atualmente 36.706 pretendentes habilitados para adoção, enquanto 3.800 crianças e adolescentes aguardam para encontrar um lar definitivo. Embora os números possam sugerir que há pretendentes suficientes para atender à demanda, a realidade é mais complexa. Segundo a advogada Helena Romfeld, "um dos principais desafios da adoção no Brasil é a incompatibilidade entre o perfil desejado pelos adotantes e o perfil das crianças disponíveis para adoção".

A preferência por crianças mais jovens ainda é predominante entre os pretendentes. No entanto, 60% das adoções realizadas por meio da Busca Ativa envolvem crianças com mais de 8 anos, uma faixa etária menos procurada. Além disso, 14% das crianças disponíveis para adoção possuem algum problema de saúde, outro fator que reduz suas chances de serem acolhidas por uma família. "Esse descompasso cria uma espera mais longa para as crianças fora do perfil preferido, o que prejudica diretamente suas vidas e seu desenvolvimento", destaca Helena.

# Como funciona o processo legal de adoção?



Foto de [Kindel Media](#)

O processo de adoção no Brasil segue as etapas regulamentadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com o objetivo de garantir a segurança jurídica e o bem-estar das crianças. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), essas etapas incluem:

- **Cadastro e Documentação:** Interessados devem procurar a Vara da Infância e apresentar documentos como identidade, comprovantes de renda e residência, além de atestados médicos.
- **Análise e Avaliação:** Equipes técnicas avaliam o perfil sociofamiliar e motivações dos candidatos.
- **Curso Preparatório:** Participação obrigatória para discutir aspectos jurídicos e emocionais da adoção.
- **Habilitação Judicial:** Juiz decide sobre a aptidão dos candidatos, que ingressam no Sistema Nacional de Adoção.
- **Compatibilidade e Convivência:** Criança compatível é indicada, e há estágio de convivência supervisionado.
- **Sentença Final:** Após a convivência, o juiz emite a sentença de adoção e a criança recebe novo registro de nascimento.

## Desafios e avanços no sistema de adoção

Entre os avanços recentes, destaca-se o aumento das adoções realizadas por meio da Busca Ativa, uma estratégia que conecta pretendentes habilitados a crianças fora do perfil padrão desejado. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) divulgou também que, em 2024, 1.247 crianças foram adotadas até o momento, sendo 128 por essa modalidade e que 81% das crianças adotadas fazem parte de grupos de irmãos, o que representa um progresso significativo para a preservação dos laços familiares.

Apesar desses avanços, a advogada Helena Romfeld aponta que o sistema ainda enfrenta desafios. "Quase 8% dos processos de

adoção acabam sendo desfeitos. Isso reforça a importância de um processo criterioso de avaliação e acompanhamento, tanto da criança quanto dos pretendentes, para evitar traumas adicionais.”

Romfeld também ressalta o impacto da adoção informal, como o caso de Sandra e Ariadna, no sistema de proteção à criança.

0:00 / 0:13

## Apadrinhamento: um caminho de apoio e convivência

Além da adoção, o apadrinhamento surge como alternativa para garantir convivência familiar e comunitária a crianças e adolescentes acolhidos com poucas perspectivas de retorno à família ou adoção. Regulamentado pela Corregedoria Geral da Justiça de São Paulo ([Provimento CG nº 36/2014 e nº 40/2015](#)), o programa se divide em duas modalidades principais: afetivo e financeiro, conforme informações do Tribunal de Justiça de São Paulo.

- **Afetivo:** Voluntários criam laços com as crianças, promovendo convivência por meio de passeios, festas e outros momentos que valorizam sua autoestima e preparam para a vida adulta.
- **Financeiro:** Consiste em doações econômicas ou materiais para atender às necessidades dos jovens, incluindo serviços como educação, saúde e lazer.

Os interessados passam por avaliação e capacitação, e o programa é gerido pelas Varas da Infância e Juventude, que estabelecem as regras de participação. O apadrinhamento oferece convivência familiar e oportunidades essenciais a crianças institucionalizadas.

« [Eu não quero ser mãe...](#)

[A jornada rumo à maternidade](#) »

### Relatos

Por Jully Ana Mendes, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná

# Eu não quero ser mãe...

Escrito por [jullyanapm](#) em [Relatos](#)

## ... e está tudo bem!

Nos últimos anos, a decisão de algumas mulheres de não ter filhos tem ganhado visibilidade e gerado debates importantes sobre o papel da maternidade na sociedade moderna. Enquanto a pressão social e cultural para que as mulheres se tornem mães ainda é significativa, um número crescente de mulheres está desafiando essas expectativas e escolhendo um caminho diferente.

Para muitas mulheres, a decisão de não ter filhos é resultado de uma reflexão profunda e consciente. A professora universitária Mônica Fort (57 anos) é um exemplo dessa nova realidade. Casada há 30 anos, ela nunca teve o sonho de ser mãe e, mesmo tendo engravidado acidentalmente uma vez, perdeu o bebê naturalmente e decidiu não tentar novamente.

"Lembro que eu e meu marido ficamos como dois adolescentes: 'E agora? O que fazemos?' Bom, a gente cria, né? Tínhamos casa própria, carro próprio, bons empregos, então claro, criamos. Mas eu perdi naturalmente. Lembro que meu médico disse: 'Vamos fazer os exames e, assim que possível, você pode tentar de novo.' Eu respondi: 'Tentar não, foi um acidente. Poderia ter sido muito bem-vindo, mas agora, se não foi para ser, não é para ser mesmo'", conta.

Apesar de coerente, a decisão possui um estigma que pode resultar em isolamento e incompreensão. Diferente dos homens, as mulheres que optam por não ter filhos frequentemente precisam justificar sua escolha, enfrentando pressões familiares e sociais. No entanto, é essencial reconhecer e respeitar essa decisão como um direito individual. A professora já foi taxada de egoísta por decidir não ter filhos.

Imagens: Google Meets

Segundo a socióloga Eliane Basílio, isso ocorre devido à construção histórica da maternidade como um ideal social. “Esse ideal, profundamente enraizado no século XIX, atribuiu à mulher a responsabilidade pelo futuro da sociedade e da humanidade. Isso perpetua a ideia de que a mulher só será completa se for mãe, excluindo quem opta por outros caminhos”

0:00 / 0:53

Mônica conta que, o desrespeito pelo qual passou em relação a gravidez se estendeu também aos consultórios médicos. Ao descobrir que estava grávida e mencionar que não ia contar imediatamente para os seus pais, o médico se manifestou contra.

“Ele ficou muito chateado porque me conhecia desde os 16 anos, e isso eu já devia ter uns 38. Eu não tinha contado para os meus pais, porque, como jornalista, a gente sabe tudo que é ruim. Ele dizia que, passando dos 35, aumentam as chances de ter uma gravidez especial, então eu queria fazer todos os exames antes de anunciar. Ele disse: ‘Você vai tirar uma alegria dessa dos seus pais?’ Ele me conhecia desde os 16 anos e, conseqüentemente, meus pais também.”

Para a psicóloga Carol Paulino, essa reação está ligada a discursos históricos que naturalizam a maternidade como algo instintivo. “Essa idealização faz com que mulheres que escolhem não ser mães enfrentam uma forte carga social marcada pela culpabilização. É um peso psicológico que reflete uma estrutura de desigualdade de gênero profundamente enraizada”

0:00 / 0:56

Mas, nessa jornada de não maternidade, Mônica destaca que encontrou apoio e compreensão dentro da própria família. Ela relata que seus familiares sempre trataram o assunto com a naturalidade que ele merece e que seus sobrinhos, a quem dedica muito carinho e atenção, até valorizam a presença integral da tia em suas vidas:

"Ele disse: 'Tia, por que você não teve filhos?' Expliquei novamente, não é um drama. Mas ele sofreu muito. Depois, chegou à brilhante conclusão: 'Ainda bem, tia, que você não tem filhos, porque senão você ia ter que amar seus filhos mais do que nos ama.' Falei: 'Você está vendo, Davi? É exatamente isso. Seria impossível eu amar alguém mais do que amo vocês. Pode ser igual, mas mais não'", conta.



Mônica e os sobrinhos. Foto: Arquivo Pessoal

A professora defende que a responsabilidade de ser mãe exige um desejo profundo que ela não possui e aconselha os outros a refletirem cuidadosamente sobre suas motivações: "Tenha filhos se essa for a razão da sua vida, não por pressão social. Filhos não são motivo para manter ou salvar um casamento".

[Mãe mesmo sem gestar »](#)

## Relatos

Por July Ana Mendes, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná